

ANAIS

XX SEMANA CIENTÍFICA

ACADÊMICA E CULTURAL

FESB



PEQUENOS ANIMAIS

| | |
|--|-----------|
| 1. ACUPUNTURA COMO TERAPIA COMPLEMENTAR NO TRATAMENTO DA DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES..... | 1 |
| 2. ALOPECIA X E A TÉCNICA DE MICROAGULHAMENTO COMO ALTERNATIVA DE TRATAMENTO | 1 |
| 3. ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM CÃES – RELATO DE CASO | 2 |
| 4. ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA ESPOROTRICOSE: REVISÃO DE LITERATURA..... | 3 |
| 5. BIOLOGIA DO <i>RHIPICEPHALUS SANGUINEUS</i> E SUA IMPORTÂNCIA NA TRANSMISSÃO DE PATÓGENOS | 4 |
| 6. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO PROPRIETÁRIO DE GATOS DOMICILIADOS NA CIDADE DE BRAGANÇA PAULISTA EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO SOBRE NUTRIÇÃO FELINA..... | 4 |
| 7. CARACTERIZAÇÃO NÃO INDUZIDA DA ABORDAGEM NUTRICIONAL DOS CLÍNICOS VETERINÁRIOS NA REGIÃO DE BRAGANÇA PAULISTA..... | 5 |
| 8. CARCINOMAS DE CÉLULAS β EM CÃES..... | 5 |
| 9. CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS CUTÂNEAS EM CÃES E GATOS..... | 6 |
| 10. DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE RANGELIOSE EM CÃES PARASITADOS POR <i>Amblyomma aureolatum</i> e <i>Rhipicephalus sanguineus</i>..... | 7 |
| 11. DOENÇA RENAL SECUNDÁRIA À DEPOSIÇÃO DE IMUNO-COMPLEXOS PARASITÁRIOS | 7 |
| 12. ESTERILIZAÇÃO PRECOCE EM CADELAS: LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE SUAS PRINCIPAIS INDICAÇÕES NO ESTADO DE SÃO PAULO..... | 8 |
| 14. ESTUDO RETROSPECTIVO DE HEMOPARASITOSE NO HOSPITAL BERNARDO ARANOVICH (HVET-FESB) NOS ANOS DE 2011 A 2017 | 9 |
| 15. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA PERITONEOPERICÁRDICA EM CÃO ASSINTOMÁTICO: RELATO DE CASO | 9 |
| 16. HIPERADRENOCORTICISMO EM CÃES | 10 |
| 17. INCIDÊNCIA DE INFECÇÕES HOSPITALARES NO AMBIENTE VETERINÁRIO – REVISÃO DE LITERATURA | 11 |
| 18. INCONTINÊNCIA URINÁRIA PÓS OVARIOSALPINGOHISTERECTOMIA EM CADELAS | 11 |
| 19. INTOXICAÇÃO ALIMENTAR EM CÃES POR CHOCOLATE | 12 |
| 20. LEVANTAMENTO CASUÍSTICO DE OTITE EXTERNA EM CÃES CAUSADA POR <i>Malassezia sp</i> NO HVET DA FESB (2015 À 2017)..... | 12 |
| 21. LEVANTAMENTO DE DADOS DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE BRAGANÇA PAULISTA SOBRE DIAGNÓSTICO DE LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA..... | 13 |

| | |
|--|----|
| 22. LEVANTAMENTO RETROSPECTIVO DE RESULTADOS DE CULTURA E ANTIBIOGRAMA E OCORRÊNCIA DE RESISTÊNCIA BACTERIANA MEDIADAS PELO GENE MECA EM INFECÇÕES TEGUMENTARES CANINAS..... | 13 |
| 23. NEOPLASIA MAMÁRIA INDUZIDA PELA ADMINISTRAÇÃO DE ACETATO DE MEDROXIPROGESTERONA..... | 14 |
| 24. OS PRINCIPAIS FÁRMACOS POPULARES QUE PODEM CAUSAR INTOXICAÇÃO EM GATOS DOMÉSTICOS..... | 14 |
| 25. OSTEOSARCOMA APENDICULAR EM RÁDIO – RELATO DE CASO | 15 |
| 26. PÊNFIGO FOLIÁCEO – RELATO DE CASO..... | 15 |
| 27. PROTOCOLO EMERGENCIAL EM CASOS DE ENVENENAMENTO EM CÃES..... | 16 |
| 28. QUIMIOTERÁPICOS VETERINÁRIOS: QUAL A MELHOR ESCOLHA? | 17 |
| 29. RUPTURA DE CORDOALHA TENDÍNEA ACESSÓRIA: RELATO DE CASO | 17 |
| 30. SEMIOLOGIA DO SISTEMA NERVOSO DE CÃES E GATOS: GUIA PRÁTICO PARA ROTINA | 18 |
| 31. SÍNDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM CÃES..... | 18 |
| 32. SÍNDROME ÚVEODERMATOLÓGICA (VOGT-KOYANAGI-HARADA): RELATO DE CASO | 19 |
| 34. TROMBOEMBOLISMO AÓRTICO FELINO – RELATO DE CASO | 20 |

EQUÍDEOS

| | |
|--|----|
| 35. ABSCESSO EM FOSSA PARALOMBAR DIREITA APÓS TIFLOCENTESE EM EQUINO: RELATO DE CASO | 22 |
| 36. ANATOMOFISIOPATOLOGIA DA HEMIPLEGIA LARÍNGEA | 22 |
| 37. ANESTESIA TOTAL INTRAVENOSA – TIVA..... | 23 |
| 38. ARTRITE SÉPTICA EM ARTICULAÇÃO ESCAPULO-UMERAL EM EQUINO. | 24 |
| 39. HEMORRAGIA CRÔNICA APÓS PROCEDIMENTO DE ORQUIECTOMIA | 24 |
| 40. INDUTORES DE OVULAÇÃO EM ÉGUAS | 25 |
| 41. ISOERITRÓLISE NEONATAL EM MUARES..... | 26 |
| 42. LINFANGITE BACTERIANA CRÔNICA EM MEMBRO POSTERIOR ESQUERDO | 26 |
| 43. PERITONITE EM EQUINOS: RELATO DE CASO..... | 27 |
| 44. PREVALÊNCIA DE HELMINTOS EM EQUINOS DE CRIAÇÃO EXTENSIVA E SEMI- EXTENSIVA, DA ZONA RURAL, NO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA PAULISTA | 28 |
| 45. PÚRPURA HEMORRÁGICA DECORRENTE DE INFECÇÕES BACTERIANAS..... | 29 |
| 46. RELATO DE CASO: REAÇÃO A PLASMAFERESE EM EQUINOS | 30 |
| 47. SÍNDROME CÓLICA E SUA RELAÇÃO COM O MANEJO NUTRICIONAL | 30 |
| 48. TROMBOFLEBITE JUGULAR EM EQUINOS | 31 |

ANIMAIS DE PRODUÇÃO

| | |
|---|-----------|
| 49. ALTERNATIVAS PARA A DOSAGEM DE ESTRÓGENO E PROGESTERONA EM FÊMEAS BOVINAS NO BRASIL | 32 |
| 50. AVALIAÇÃO DE ÍNDICES DE CONFORTO TÉRMICO EM CASINHA TROPICAL PARA BEZERROS COM DIFERENTES COBERTURAS | 32 |
| 51. BEM-ESTAR ANIMAL NA AVICULTURA DE CORTE..... | 33 |
| 52. BEM-ESTAR NO PRÉ-ABATE DE SUÍNOS. | 34 |
| 53. INFLUÊNCIA DO ESTRESSE TÉRMICO POR CALOR EM FRANGOS DE CORTE | 34 |
| 54. MANEJO PRÉ-ABATE DE BOVINOS E QUALIDADE DA CARNE | 35 |
| 55. MASTITE BOVINA: CONDIÇÕES BÁSICAS DE ORDENHA NA REGIÃO BRAGANTINA | 35 |
| 56. MELHORAMENTO GENÉTICO APLICADO A CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS DE FRANGO DE CORTE. | 36 |
| 57. MÉTODO ISHIKAWA E CICLO PDCA EM UMA INDÚSTRIA DE BRAGANÇA PAULISTA | 37 |
| 58. PRINCIPAIS AFECÇÕES PEDAIS EM BOVINOS..... | 37 |
| 59. RELAÇÃO DA IDADE DA CODORNA JAPONESA COM A QUALIDADE DO OVO E CONDUTÂNCIA DA CASCA..... | 38 |
| 60. RESPONSABILIDADE TÉCNICA DO MÉDICO VETERINÁRIO EM AÇOUGUES 39 | |
| 61. RESPONSABILIDADE TÉCNICA DO MÉDICO VETERINÁRIO EM EVENTOS DE CONCENTRAÇÃO ANIMAL..... | 39 |
| 62. RUMINOTOMIA DE EMERGÊNCIA COMO TRATAMENTO DE TIMPANISMO ESPUMOSO EM BOVINO SECUNDÁRIO A HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA: RELATO DE CASO | 40 |

ANIMAIS SELVAGENS

| | |
|---|-----------|
| 63. ANIMAIS SINANTRÓPICOS EM ZOOLOGICO | 41 |
| 64. DOENÇA DA DESCOMPRESSÃO EM TARTARUGAS MARINHAS..... | 41 |
| 65. MANEJO DE CAPIVARAS (<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>) EM BRAGANÇA PAULISTA, SÃO PAULO | 42 |

PEQUENOS ANIMAIS**1. ACUPUNTURA COMO TERAPIA COMPLEMENTAR NO TRATAMENTO DA DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES**ROCHA, Camila Cardoso de Moraes¹; SILVIO, Maurício Melo²¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Mestre FESB

A acupuntura veterinária é uma ciência muito antiga desenvolvida na cultura oriental. É uma terapia onde se faz a estimulação de pontos específicos do corpo os chamados acupontos que são depressões na pele por onde passam os meridianos, considerados canais no qual percorre o Qi (energia vital), responsável pela conexão e funções de diferentes regiões do corpo. A displasia coxofemoral é uma doença, progressiva, dolorosa e debilitante. Afeta principalmente cães de grande porte e desenvolve-se por influência de causas externas. Caracteriza-se pelo desenvolvimento anormal da articulação do quadril, podendo evoluir até a perda total do movimento dos membros posteriores. Levando em consideração que nenhum método é capaz de restaurar completamente a articulação displásica, o objetivo do tratamento é reduzir a inflamação e aliviar a dor. O diagnóstico é realizado com os sinais clínicos e é confirmado de acordo com as evidências radiográficas de subluxação ou luxação e doença articular degenerativa (DAD). A acupuntura tem se mostrado importante ferramenta no tratamento da DCF. Pode ser utilizada tanto em conjunto à métodos de tratamento ocidentais convencionais, quanto isoladamente, já que possui efeitos comprovados no restabelecimento da força muscular, controle da dor e inflamação.

Palavras-chave: Acupuntura; Medicina Tradicional Chinesa; Displasia Coxofemoral.**2. ALOPECIA X E A TÉCNICA DE MICROAGULHAMENTO COMO ALTERNATIVA DE TRATAMENTO**BOHNEN, Danielle Moraes¹; BOECHAT, Laís Preti²; SILVIO; Maurício Melo³¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Médica Veterinária Especialista HVET-FESB; ³ Prof. Me. FESB

Alopecia X é uma alteração não-inflamatória, cuja causa não está totalmente elucidada. O diagnóstico baseia-se na história clínica, sinais clínicos, exame histopatológico das áreas alopécicas e achados laboratoriais. É mais observada em raças de cães com pelagem felpuda, tais como, Lulu da Pomerânia, Chow-Chow, Samoieda, Keeshond e Malamute do Alasca. Poodle Toys e miniaturas e outras raças, esporadicamente, podem ser afetadas. As características dermatológicas se assemelham a outras dermatopatias endócrinas, tendo como resultado uma alopecia simétrica, não inflamatória, não pruriginosa, que apresenta-se em pescoço, cauda, períneo e região caudal de coxas e tronco. A cabeça e as extremidades são poupadas. O diagnóstico diferencial inclui hiperadrenocorticismos, hipotireoidismo e outras enfermidades que ocorrem com alopecia não-inflamatória. Alguns tratamentos têm sido aplicados com sucesso variável e parcial, tais como castração, melatonina, trilostano, deslorelina, hormônio do crescimento, mitotano (o.p'.DDD) e acetato de medroxiprogesterona. Atualmente, considera-se a alopecia X uma doença de cunho exclusivamente estético, já que não ocorrem outros sinais sistêmicos. Curiosamente, diversas publicações têm relatado crescimento do pelo nas regiões onde a pele foi retirada para biópsia, bem como nos locais

onde ocorreram feridas, indicando que o trauma induz o crescimento do pelo. Por isso, o estudo de Stoll et al. (2015) hipotetizou que o trauma mecânico leve do microagulhamento pode induzir o crescimento dos pelos nas áreas alopécicas. O microagulhamento é realizado com a utilização do roller, composto de um cabo de policarbonato e ABS e um rolo com microagulhas de aço inoxidável ou titânio. O microagulhamento é uma técnica que estimula a liberação dos fatores de crescimento que por sua vez, são responsáveis por estimular a formação de novo colágeno na derme e neovascularização através da resposta ao processo inflamatório (em humanos). A indução percutânea de colágeno (IPC) ocorre quando há perda da integridade da pele, dissociando os queratinócitos, o que leva à liberação de citocinas, tais como IL-1 α , IL-8, IL-6, TNF- α e GM-CSF. Os efeitos do microagulhamento para alopecias em humanos são o aumento da disponibilidade de nutrientes, o estímulo à vasodilatação e oxigenação folicular, o estímulo da comunicação celular do folículo e tecido adjacente e a liberação de VeGF (fator de crescimento vascular endotelial) que estimula a vascularização do folículo levando a um fio mais denso e de melhor qualidade. A técnica é considerada segura e com risco mínimo de complicações. Em cães, existem os riscos anestésicos, visto que a técnica só é possível de ser aplicada mediante anestesia geral.

Palavras-chave: Alopecia X; Tratamento; Hormônio; Estética

3. ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM CÃES – RELATO DE CASO

NUNES, Rafaella Helena Antunes¹; BOLSARI, Livia Rodrigues¹; LIMA, Camila Cristiane²; CUNHA, Franciele Oliveira²; GOSI, Evellyn Bruno²; DEMO, Renan Salhab³; CANEZIN, Giovana Zani³; BOECHAT, Laís Preti⁴.

¹ Médica Veterinária Trainee Mellovet; ² Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ³ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ⁴ Médica Veterinária Especialista HVET-FESB.

A anemia hemolítica imunomediada (AHIM) é definida como a diminuição do número de eritrócitos pela destruição por imunoglobulinas ou sistema complemento, levando a uma hemólise intravascular, ou pelo sistema monocítico fagocitário causando uma hemólise extravascular. Os animais afetados podem apresentar icterícia, febre, letargia, esplenomegalia, anorexia, vômito, diarreia, poliúria e polidipsia, hemoglobinúria e bilirrubinúria. Não existem achados patognomônicos, mas a presença de uma anemia com hematócrito (HT) inferior a 25%, presença de bilirrubinúria ou hemoglobinúria, reticulocitose, esferócitos, auto-aglutinação e teste de Coombs positivo, além da eliminação de outras causas de anemia e uma resposta a terapia imunossupressora, confirmam a suspeita de AHIM. O objetivo do tratamento é estabilizar o HT inibindo a hemólise. A terapia imunossupressora com glicocorticóides é recomendada por reduzir a taxa de destruição eritrocitária mediada por anticorpos. O tratamento suporte deve ser instituído conforme o quadro apresentado pelo animal. Animais com destruição severa de hemácias inicialmente necessitam de hospitalização para monitoração e controle da anemia. A transfusão sanguínea é indicada quando sinais clínicos como dispnéia e taquicardia são intensos, demonstrando severa hipóxia tecidual. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de AHIM em um cão atendido no Hospital Veterinário Dr. Bernardo Aronovich – HVET FESB. O animal apresentava hiporexia, prostração, emese, hemoglobinúria, esplenomegalia e mucosas ictéricas. Os exames laboratoriais indicaram uma anemia intensa e o animal foi internado para monitoração e tratamento. A suspeita inicial foi hemoparasitose, porém ao decorrer do quadro o animal precisou de transfusão sanguínea. Foram realizados três testes de compatibilidade, todos apresentando aglutinação, o que alertou a suspeita de AHIM, assim foi realizado um esfregaço sanguíneo indicando a presença de esferócitos. O

tratamento instituído para AHIM foi a Dexametasona 1mg/kg a cada 24 horas. O animal apresentou resposta positiva ao tratamento, sendo realizada a transfusão sanguínea e a alta com prescrição de Prednisolona 2mg/kg a cada 12 horas. O tutor foi orientado a retornar com o animal para reavaliar o quadro e repetir os exames laboratoriais, porém não retornou.

Palavras - chave: Aglutinação; Esferócitos; Hemólise; Icterícia.

4. ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA ESPOROTRICOSE: REVISÃO DE LITERATURA

ASSIM, Juliana Maria Moya; COSTA, Luís Eduardo da Silva

¹ Graduanda de Medicina Veterinária – FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A esporotricose é definida como uma micose subcutânea piogranulomatosa, ocasionada pelo complexo *Sporothrix schenckii*, no qual engloba as seguintes espécies fúngicas, *S. schenckii*, *S. brasiliensis*, *S. globosa*, *S. mexicana*, *S. luriae* e *S. albicans*. O *Sporothrix schenckii* é um fungo aeróbio, geofílico, com reprodução sexuada, dimórfico. Em temperatura ambiente apresenta-se na forma micelial, e na forma leveduriforme em temperatura de 37°C, conseqüentemente consegue habitar e se desenvolver nos organismos vivos. Apresenta hospedeiros de espécies diferentes, como cavalos, muares, camelos, golfinhos, pássaros, suínos, bovinos. Todavia os de maior incidência são os gatos, os cães e o homem. Os felinos são de suma importância para a saúde pública, pois quando apresentam lesões há presença de um grande número de células fúngicas. Gatos adultos, não castrados e com acesso à rua, ficam mais expostos para se contaminarem com o fungo, pois os felinos apresentam o comportamento de afiar as unhas em madeiras, de se esfregar no solo, instinto de caçar, provocam brigas por disputa de território e ainda possuem hábitos higiênicos como se lamber e enterrar as fezes. Os gatos podem alojar o fungo nas unhas de forma assintomática, conseqüentemente através da arranhadura conseguem ter a capacidade de disseminar o agente para o ambiente e para outros hospedeiros, incluindo o homem, sendo dessa maneira importante risco ocupacional para médicos veterinários, auxiliares e proprietários. Há também a presença do fungo na cavidade nasal e oral dos felinos, podendo também favorecer a disseminação através das mordeduras. Os cães parecem não desempenhar um papel importante na cadeia epidemiológica da micose. Para a esporotricose são descritas três formas clínicas: cutânea, cutânea - linfática e disseminada. A forma clínica de como se apresenta a esporotricose, dependem do tamanho do inóculo, a profundidade de inoculação traumática, a resistência térmica da cepa e o estado imunológico do hospedeiro. A forma cutânea linfática é a mais comum nos felinos e humanos. Pode ocorrer infecção bacteriana secundária, ocasionando secreção mucopurulenta em nódulos ulcerados. Os gatos podem se autoinocular o fungo devido o hábito de se higienizar através da lambedura. Em casos graves observa-se febre, apatia, anorexia e perda de peso. Mesmo em casos não sistêmicos, é possível cultivar o fungo através de amostras coletadas de linfonodos. Geralmente as lesões se situam no dorso, na cabeça, e também podem estar presentes na cauda e nas extremidades dos membros. A disseminação da micose é rara, porém ocorrem devido ao negligenciamento das lesões cutâneas e linfáticas, quando ocorre é letal devido ao desenvolvendo de alterações oculares, neurológicas e linfáticas. Em humanos as regiões mais acometidas são os membros superiores, pois são áreas que estão mais expostas a arranhaduras ou mordeduras durante a manipulação do felino infectado. O diagnóstico definitivo consiste no isolamento fúngico por meio de cultura com Ágar Sabouraud Dextrose associado com Cloranfenicol e ciclo-hexamida, em temperatura ambiente o fungo cresce entre 5 a 7 dias. É visualizado na microscopia, hifas hialinas e septadas, conídios

piriformes ou esféricos, isolados ou agrupados. Outros métodos podem ser utilizados para auxiliarem o diagnóstico de esporotricose, como a citologia, histopatologia e sorologia. O tratamento consiste na administração de antifúngico, sendo o Itraconazol o fármaco de primeira escolha tanto para os animais quanto para os humanos, pois possui boa eficácia e poucos efeitos adversos.

Palavras-chave: Micose subcutânea; Transmissão; Prevenção; Felinos no ambiente domiciliar; Saúde Pública, Zoonose

5. BIOLOGIA DO *RHIPICEPHALUS SANGUINEUS* E SUA IMPORTÂNCIA NA TRANSMISSÃO DE PATÓGENOS

ÁVILA, Paula¹; COSTA, Luís Flávio da Silva²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

Rhipicephalus sanguineus (Acari: Ixodida), é um dos carrapatos com maior distribuição mundial, conhecido também como carrapato vermelho ou carrapato do canil, devido ao seu hospedeiro de preferência ou de maior relevância ser o cão doméstico. Sua distribuição mundial deve-se a migração dos seres humanos acompanhados de seus cães de estimação. Segundo relatos sua origem é Afrotropical, a introdução do *R. sanguineus* nas Américas pode ter ocorrido após a colonização europeia no final do século XV. No Brasil até meados de 1906 não era encontrado o *R. sanguineus* nos estados de Minas Gerais, São Paulo e região sul. Nos dias de hoje é considerado o principal ectoparasita de cães juntamente com as pulgas. Sua morfologia é composta pelo corpo achatado com contorno elíptico ou oval, de superfície ligeiramente convexa, revestido por tegumento distensível (o que permite a variação no tamanho quando ingurgitados de sangue), rosto curto, um par de olhos, base do gnatosoma mais larga que longa e angulosa, hipostômio com três fileiras de dentes. O ciclo de vida de um carrapato é trioxeno e composto pelos estágios de vida: ovo, larva, ninfa e adultos. Necessita de três hospedeiros para completar o ciclo biológico. No cão o ciclo ocorre da seguinte maneira, fêmea adulta ingurgitada abandona o cão e ovipõe os ovos no ambiente, as larvas assim que eclodem procuram um cão para se alimentar e em seguida abandonam o hospedeiro e evoluem para forma de ninfa no ambiente, essas ninfas procuram outro cão (hospedeiro) para se alimentar, no ambiente essas ninfas evoluem enfim para o carrapato adulto, as fêmeas ingurgitadas iram ovipor dando início ao novo ciclo. Hospedeiro definitivo são os cães e gatos domésticos o local onde esse ectoparasita costuma se instalar no hospedeiro são em orelhas e membros torácicos. Realizam hematofagia o que leva a transmissão de patógenos podemos enfatizar a *Babesia canis* a *Ehrlichia canis* podendo relatar também Febre Maculosa com a *Rickettsia rickettsi*, *Hepatozoon canis* e *Rangelia vitalli*.

Palavras-chave: Carrapato; Carrapato vermelho do cão; Hemoparasita, Ácaro

6. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO PROPRIETÁRIO DE GATOS DOMICILIADOS NA CIDADE DE BRAGANÇA PAULISTA EM RELAÇÃO AO CONHECIMENTO SOBRE NUTRIÇÃO FELINA.

SILVA, Bruna Gabriela¹, BORDIN, Roberto Andrade ²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

O número de felinos domésticos vem aumentando bastante dentro das casas das pessoas, eles estão cada vez mais próximos do ser humano e por serem muito independentes e o manejo ser mais fácil, muitas pessoas optam por ter um gato em vez de um cachorro. Existem inúmeras pesquisas que demonstram que a nutrição é essencial para o fornecimento de energia para manter uma vida saudável e ajudar a reduzir o risco de determinadas doenças. Os felinos têm particularidades em relação a nutrição, portanto, esse trabalho objetiva buscar informações com proprietários de felinos que residem na cidade de Bragança Paulista para a investigação em relação ao conhecimento dos mesmos sobre o assunto, saber qual alimento ele fornece ao seu animal, quem indicou determinado alimento e porque, com qual frequência ele fornece o alimento, se ele considera importante para a saúde do animal uma alimentação de qualidade, entre outras informações que serão obtidas através de um questionário realizado com esses proprietários.

Palavras-chave: Questionário, gato, pesquisa

7. CARACTERIZAÇÃO NÃO INDUZIDA DA ABORDAGEM NUTRICIONAL DOS CLÍNICOS VETERINÁRIOS NA REGIÃO DE BRAGANÇA PAULISTA.

PÁDUA, Letícia Martins¹; BORDIN, Roberto Andrade²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

No Brasil, há mais de 132,4 milhões de animais de estimação, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Calcula-se que os lares brasileiros possuem mais de 52 milhões de cães. A indústria pet brasileira foi responsável por um faturamento de mais de R\$ 18,9 bilhões em 2016, crescimento de 4,9% sobre 2015 e terceiro lugar absoluto no mercado mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e Reino Unido. As mudanças históricas no estilo de vida das pessoas e número crescente de animais de companhia desencadearam a valorização e o significativo aumento da afetividade entre homens e animais. Uma nutrição apropriada é um dos pré-requisitos mais importantes para a saúde e o bem-estar dos animais. Os animais de estimação frequentemente possuem uma única fonte de alimento, a avaliação cuidadosa de suas necessidades nutricionais deve ser levada em consideração para manter o nível máximo de saúde, desempenho e integrando no tratamento de uma doença. A avaliação nutricional é um processo de duas etapas: avaliação de triagem e avaliação aprofundada; onde a primeira é realizada em todos os animais e a segunda é realizada em animais que apresentam fatores de riscos relacionados à nutrição. Esta monografia tem como formato o trabalho de campo, através da observação de consultas a fim de se levantar dados referentes à conduta do médico veterinário no conceito nutricional.

Palavras-chave: Nutrição; Cães; Gatos; Inquérito Nutricional

8. CARCINOMAS DE CÉLULAS β EM CÃES

CUNHA, Franciele Oliveira¹; LIMA, Camila Cristiane¹; GOSI, Evellyn Bruno¹; NUNES, Rafaella Helena Antunes²; BOLSARI, Lívia Rodrigues²; DEMO, Renan Salhab³; MELLO NETO, Francisco Antônio Toledo⁴

¹ Graduanda de Medicina Veterinária-FESB; ² Médica Veterinária Trainee Mellovet; ³ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ⁴ Médico Veterinário Especialista Mellovet Intensivismo.

Os carcinomas de células β , também conhecidos como insulinosas são tumores secretores de insulina originários de células β das ilhotas pancreáticas. Embora exista produção de outros hormônios, a insulina é predominante, o que faz com que o excesso da sua produção cause no animal quadro de neuroglicopenia induzida pela hiperinsulinemia, levando à hipoglicemia contínua e sinais clínicos como tremores musculares, fraqueza, prostração, convulsões, podendo levar a coma e óbito. A glicose é uma fonte de energia essencial para o organismo, no caso de alguns tecidos, como o sistema nervoso central (SNC), é de suma importância o uso da glicose para que possua um funcionamento adequado. O insulinoma é uma doença de ocorrência rara, onde a grande maioria é maligna. São incomuns em gatos e pouco observados em cães. Os casos manifestados geralmente são em animais idosos sem e predisposição racial. O diagnóstico é realizado através da combinação dos sinais clínicos, exames laboratoriais, exames de imagem, citopatológico e histopatológico, e o tratamento dos pacientes pode ser cirúrgico ou clínico, dependendo do quadro do paciente. O tratamento para o carcinoma tem o objetivo de aumentar a taxa de glicose na corrente sanguínea, através da remoção cirúrgica do tumor ou através de medidas clínicas. O processo cirúrgico tende a ser uma das melhores ferramentas para o diagnóstico, terapêutica e prognóstico do insulinoma canino, permitindo eliminar a fonte primária da doença por excisão do tumor, já que cerca de 90% dos casos apresentam massas únicas. Porém, diante das potenciais complicações cirúrgicas, como pancreatite, o tratamento clínico é recomendado para melhorar a qualidade de vida do paciente. Os principais tratamentos para cães com insulinoma consistem em manejo dietético, glicocorticoides e repouso, bem como tratamentos alternativos com diazóxido e análogos da somatostatina. O prognóstico pode variar de reservado a ruim sendo influenciado pela presença de metástase, quantidade e tamanho dos tumores, e da possível remoção da massa no momento do diagnóstico. O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre esta afecção em cães, abordando seus aspectos etiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos.

Palavras-chave: Insulinoma; hiperinsulinemia; hipoglicemia

9. CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS CUTÂNEAS EM CÃES E GATOS

BENEMOND, Thaís¹; CAVALCANTI, Josemara Neves²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A criocirurgia, também referida como crioterapia ou crioblação é empregada no tratamento de neoplasias cutâneas e consiste na destruição *in situ* de tecidos neoplásicos causando injúria celular direta através de ciclos de congelamento e descongelamento localizado. Outros mecanismos envolvidos incluem alterações vasculares do tecido congelado e, mais recentemente, foi comprovada a estimulação imunológica, propiciada pela lesão celular. A técnica teve grandes avanços nos séculos XIX e XX em decorrência do conhecimento adquirido sobre a liquefação de gases. Os agentes criogênicos mais, frequentemente, utilizados são: o nitrogênio líquido e o argônio. Para a aplicação pode-se utilizar-se de zaragatoa, *spray*, sondas, e derramamento direto. A definição das características morfológicas da lesão através da biópsia e do exame histopatológico permite a escolha do melhor equipamento e da forma de aplicação mais adequada. Na medicina veterinária a criocirurgia realizada com nitrogênio líquido é a mais difundida e indicada nos protocolos de terapia, por ter ponto de ebulição extremamente baixo (-195,8 °C) e ser efetivo em lesões benignas e malignas. Apesar da possível ocorrência de efeitos colaterais e complicações, os benefícios da

criocirurgia ultrapassam os da técnica cirúrgica convencional, revelando satisfatórios índices de cura ou controle das neoplasias cutâneas em cães e gatos.

Palavras-chave: Crioterapia; Crioblação; Congelamento; Cães; Catos.

10. DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE RANGELIOSE EM CÃES PARASITADOS POR *Amblyomma aureolatum* e *Rhipicephalus sanguineus*

TUFFANI, Vanessa Del Cor¹; COSTA, Luís Flávio da Silva²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A *Rangelia vitalii* é um protozoário transmitido pelos carrapatos *Amblyomma aureolatum* e *Rhipicephalus sanguineus*. Esta enfermidade também é conhecida como “peste do sangue”, “orelha que sangra”, “febre amarela dos cães”, “Nambiuvú” e “Nambiú das tripas”. A enfermidade causa distúrbio hemolítico extravascular em cães, além disso, a mesma apresenta alterações hematológicas, sendo as mais evidentes a redução de contagem de eritrócitos, plaquetas e de hemoglobina. A plaquetopenia observada na rangeliose pode estar ligada principalmente ao consumo de plaquetas devido às lesões que o parasita provoca no endotélio vascular, as anemias observadas geralmente são regenerativas. As causas das reduções da contagem de hemácias são semelhantes às infecções por *Babesia canis*, por ter relação direta do parasita, que faz um sequestro esplênico e processo inflamatório. Para diagnosticar a enfermidade é necessário à realização de PCR, análises macroscópicas e histológicas. Sabendo que existem semelhanças diretas com outras doenças como babesiose, ehrlichiose, leishmaniose e leptospirose, é necessária à realização de exames para diagnóstico diferencial, para que a realização do tratamento seja eficaz e direta.

Palavras-chave: *Rangelia vitalii*; Carrapato; Diagnóstico

11. DOENÇA RENAL SECUNDÁRIA À DEPOSIÇÃO DE IMUNO-COMPLEXOS PARASITÁRIOS

CARVALHO, Caroline Santos¹; NARDI, Ana Rita Moraes²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

É de suma importância avaliar a formação de imuno-complexos após a infecção parasitária. É muito comum associar este acontecimento apenas quando há presença de vírus, porém, sabe-se que o mesmo ocorre também quando há parasitos no organismo. Estes imuno-complexos são responsáveis por lesionar os glomérulos. Após a junção antígeno- anticorpo formados na corrente sanguínea atingirem os glomérulos, há uma reação de hipersensibilidade do tipo III, ativando o sistema complemento, o que gera peptídeos quimiotáticos que atraem os neutrófilos, os quais são responsáveis por liberar enzimas e agentes oxidantes. Estas substâncias são responsáveis por aumentar a permeabilidade da membrana basal à presença de macromoléculas, em consequência a isso, importantes proteínas plasmáticas, como a albumina, são perdidas na urina. O resultado desta cascata de eventos é uma diminuição da pressão oncótica, que reduzida, acarreta em diminuição da pressão plasmática, com diminuição do volume sanguíneo e do fluxo renal, consequentemente os

níveis de uréia e creatinina sérica estarão elevados, estas substâncias são danosas para o organismo. Estes eventos causam uma inflamação aguda tecidual

Palavras-chave: Parasitose; Hipersensibilidade de tipo III; Lesão glomerular; Nefrite; Enfermidade parasitária

12. ESTERILIZAÇÃO PRECOCE EM CADELAS: LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE SUAS PRINCIPAIS INDICAÇÕES NO ESTADO DE SÃO PAULO

SILVEIRA, Henrique Camargo¹; CARDOSO, Mariana Trés²

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Profa. Me. M.V. responsável pelo setor de ortopedia do HVET-FESB.

O bem-estar do animal e a interação humana com os mesmos englobam diversos fatores como alimentação de qualidade, higiene adequada, ambiente adequado (enriquecimento ambiental) e medicina preventiva. Além da prevenção de doenças pelas vacinas propriamente ditas e controle de ectoparasitas, podemos citar, também, a ovariosalpingohisterectomia (OSH), que quando realizada de forma precoce (antes do primeiro e segundo ciclo estral) previne doenças como neoplasias mamárias e piometra, ajuda no controle populacional de cães errantes contribuindo, assim para controle de zoonoses. A decisão pela melhor fase da prática da OSH gera bastante discussão pelas vantagens descritas da OSH precoce em relação a prevenção de neoplasias mamárias confrontadas com as possíveis complicações relacionadas ao desenvolvimento corpóreo (fechamento adequado dos discos epifisários e desenvolvimento dos órgãos sexuais externos). O trabalho tem como principal foco realizar uma pesquisa de campo com veterinários cirurgiões do estado de São Paulo sobre as fases do desenvolvimento em quem que eles costumam indicar a OSH, bem como suas justificativas. Estes dados serão discutidos com o que se tem de atual com a literatura a fim de se traçar um panorama comparativo e concluir se as escolhas estão de fato, sendo as melhores para as fêmeas caninas.

Palavras-chave: Castração; Enfermidades; Ovariosalpingohisterectomia; Incidências.

13. ESTUDO RETROSPECTIVO DE DEMODICIOSE CANINA NO HOSPITAL VETERINÁRIO BERNARDO ARANOVICH (HVET-FESB) DE 2011 A 2017

DIAS, Carlos Eduardo Souza¹; NARDI, Ana Rita Moraes²

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

Popularmente conhecida como ‘sarna negra’, a demodicose é causada pelo agente etiológico *Demodex canis*, cuja ocorrência está relacionada à imunodepressão de origem genética presente no animal. A demodicose canina se manifesta por meio dos seguintes sinais clínicos: alopecia, descamação e eritema variável, geralmente as lesões não são pruriginosas, exceto quando associadas a uma dermatite secundária. O diagnóstico definitivo é realizado por meio do exame parasitológico do raspado cutâneo (EPRC) e do pelame, facilitando a detecção dos ácaros. Pode-se dizer que se trata de uma das doenças que mais são atendidas nas clínicas e quando diagnosticada incorretamente, pode trazer riscos ao paciente. No trabalho a ser realizado, por meio do estudo retrospectivo com a

utilização dos dados fornecidos pelo HVET-FESB, tem como principal objetivo analisar a ocorrência da enfermidade no hospital. A confirmação laboratorial é de extrema importância para possibilitar o diagnóstico preciso e para que a indicação do tratamento seja mais efetivo e adequado, a fim de evitar a generalização da doença.

Palavras-chave: *Demodex canis*, Exame Parasitológico do Raspado Cutâneo (EPRC), Cães.

14. ESTUDO RETROSPECTIVO DE HEMOPARASITOSE NO HOSPITAL BERNARDO ARANOVICH (HVET-FESB) NOS ANOS DE 2011 A 2017

PESENATO, Isabella Pereira¹, NARDI, Ana Rita Moraes²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

As hemoparasitoses caninas são cotidianas na clínica de pequenos animais e estão comumente relacionadas com a presença de carrapatos e o aparecimento de trombocitopenia no hemograma, porém este não é considerado um diagnóstico definitivo, sendo necessários exames adicionais para se obter maiores informações com o objetivo de decidir um tratamento correto. Neste trabalho será realizado um estudo retrospectivo com base nos dados de sete anos do Laboratório de Patologia Clínica do HVET-FESB. Para a análise serão comparados três métodos diagnósticos principais: morfologia, ELISA e PCR, associando dados hematológicos e sintomatologia clínica. O principal objetivo é analisar a ocorrência da piroplasmose na clínica e qual exame complementar deve ser utilizado dependendo de cada caso. O presente estudo também tem a finalidade de pesquisar a presença dos diferentes agentes causadores de hemoparasitoses, como *Anaplasma phagocytophilum*, *Anaplasma platys*, *Babesia canis*, *Ehrlichia canis*, *Hepatozoon canis*, *Rangelia vitalii*, justificando suas diferentes apresentações clínicas no animal. Os principais resultados esperados são caracterização do agente etiológico, principal sintomatologia clínica associada a presença do vetor, métodos diagnósticos utilizados ao longo dos anos e qual seria o mais recomendado dependendo do caso e uso de tratamentos corretos condizendo com o parasito encontrado.

Palavras-chave: Diagnóstico específico; *Ehrlichia canis*; *Babesia canis*; *Anaplasma sp*; *Hepatozoon sp*; *Rangelia vitalii*

15. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA PERITONEOPERICÁRDICA EM CÃO ASSINTOMÁTICO: RELATO DE CASO

RIBEIRO, Marcelo Adani Perrone¹; GATTO-FUSETTI, Lorena¹; SOUZA, Caroline Zorzi¹; CANEZIN, Giovana Zani¹; DEMO, Renan Salhab¹; SOMERA, João Otávio Sampaio¹; MEGIATTO, Érika Alice Proni²; CARDOSO, Mariana Três³

¹ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ² Médica Veterinária Especialista HVET-FESB; ³ Profa. Me. M.V. responsável pelo setor de ortopedia do HVET-FESB.

A hérnia diafragmática peritoneopericárdica é uma enfermidade pericárdica congênita que permite uma comunicação entre peritônio e cavidade pericárdica pela linha média ventral, através de um defeito no diafragma. O diagnóstico se dá com base nos dados de anamnese, exame físico,

eletrocardiograma, exame radiográfico e ecocardiografia. O tratamento pode ser conservativo ou cirúrgico, entretanto a cirurgia precoce minimiza as complicações perioperatórias e previne a descompensação aguda do paciente. O prognóstico é favorável nos casos não complicados. O presente trabalho teve como objetivo relatar o diagnóstico e tratamento de um cão adulto assintomático portador da afecção supracitada. Foram realizados exames pré-cirúrgicos, hemograma, bioquímicos e eletrocardiograma. Foi diagnosticada supressão de milivoltagem e alternância elétrica de onda R. A partir disso, indicou-se exame radiográfico, no qual foi possível o diagnóstico de HDPP. O paciente foi submetido à herniorrafia, sem complicações no trans e pós-operatório. Foi realizado também ecodopplercardiograma após a intervenção cirúrgica que não evidenciou alterações cardíacas congênitas, no entanto mostrou discreta degeneração valvar mitral sem repercussão hemodinâmica.

Palavras-chave: Má formação congênita; Diafragma; Diagnóstico; Cão.

16. HIPERADRENOCORTICISMO EM CÃES

GOSI, Evellyn Bruno¹; CUNHA, Franciele Oliveira¹; LIMA, Camila Cristiane¹; BOLSARI, Livia Rodrigues²; NUNES, Rafaella Helena Antunes²; MELLO NETO, Francisco Antônio Toledo³.

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Médica Veterinária *Trainee* Mellovet; ³ Médico Veterinário Especialista Mellovet Intensivismo.

O hiperadrenocorticismismo (HAC) ou Síndrome de Cushing está associado com o aumento de cortisol produzido nas adrenais, podendo ser causado por produção ou administração excessiva de glicocorticóides, que acarretam em uma endocrinopatia comumente diagnosticada. Esta afecção pode ser dividida em três subdivisões de acordo com sua origem: hipófise - dependente, adrenal - dependente ou iatrogênica. O tipo mais comumente diagnosticado no HAC é a hipófise dependente, causada por um tumor na glândula hipófise, que estimula a secreção exagerada de hormônio adrenocorticotrófico (ACTH) e representa 80 a 85% dos casos de HAC. Já na adrenal - dependente, os tumores adrenocorticais representam de 15 a 20% dos casos, pois secretam quantidade excessiva de cortisol independente do controle hipofisário. O HAC iatrogênico é a consequência do uso excessivo de glicocorticóides exógenos, comumente administrados em tratamentos de distúrbios alérgicos e imunomediados que causam o definhamento das glândulas adrenais. As alterações causadas pelo HAC resultam em uma combinação de manifestações clínicas que incluem: polidipsia, poliúria, polifagia, distensão abdominal, hepatomegalia, obesidade visceral, fraqueza muscular, atrofia, taquipnéia, intolerância ao calor e cansaço fácil, além de possíveis alterações no ciclo estral, atrofia testicular e diversas alterações cutâneas acometidas por alopecia não pruriginosa e calcinose. Alguns exames auxiliam no diagnóstico de HAC, tais como: hemograma, urinálise, bioquímica sérica, radiografia e testes de função adrenal. Os testes mais comuns para identificação do hiperadrenocorticismismo são o teste de baixa dose de dexametasona e o teste de estimulação de ACTH. Diagnosticado o HAC, quando não cirúrgico pelo tumor na adrenal, normalmente é iniciado o tratamento com Mitotano ou Trilostano. O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre esta afecção em cães, abordando seus aspectos etiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos.

Palavras-chave: Cortisol; hipercortisolismo; Síndrome de Cushing.

17. INCIDÊNCIA DE INFECÇÕES HOSPITALARES NO AMBIENTE VETERINÁRIO – REVISÃO DE LITERATURA

PITOCO, Gabriela¹; NEGRO, Maria Raquel de Godoy Oriani Costa²

¹Graduanda de Medicina Veterinária – FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB.

As infecções hospitalares (IH) ou nosocomiais são consideradas infecções adquiridas após 72 horas de hospitalização do paciente, geralmente levando o animal infectado à uma maior estadia no hospital por complicações em seu quadro clínico geral. Este aumento de tempo de internação leva ao aumento do número de medicamentos utilizados, a necessidade de procedimentos de isolamento e precauções, exames laboratoriais e de diagnósticos adicionais, resultando em aumento dos custos de tratamento do paciente. A incidência de infecções hospitalares em Medicina Veterinária não está bem estabelecida principalmente devido à falta de dados estatísticos e ausência de Comissões de Controle de Infecção Hospitalar. Existem duas fontes de contaminação para a maioria das infecções hospitalares, a endógena (contendo microorganismos oriundos da microbiota dos próprios sistemas contaminados (digestivo, respiratório, urinário, tegumentar, entre outros) e a exógena (contendo microorganismos provenientes do ambiente hospitalar). Consideram-se como principais causas de IH a carga microbiana e virulência da microbiota presente no paciente, nos profissionais assistenciais e no ambiente, o aumento do número de pacientes hospitalizados suscetíveis à infecção, a condição clínica do paciente, o mau uso de antibioticoterapia, cirurgias consideradas contaminadas e/ou infectadas, condições sanitárias impróprias, a circulação de pacientes dentro do hospital, o número de pessoas lidando com o mesmo paciente, técnicas inadequadas de diagnóstico e terapêutica, técnica cirúrgica utilizada e duração do procedimento. Reconhecer os fatores de risco de IH é importante para diagnosticar corretamente o tipo de infecção, além de se realizar a prevenção para possíveis infecções posteriores. As normas da instituição e a atitude dos profissionais são de extrema importância na execução das medidas preventivas.

Palavras-chave: Infecção; Contaminação; Hospitais; Controle; Suscetibilidade; Paciente; Ambiente

18. INCONTINÊNCIA URINÁRIA PÓS OVARIOSALPINGOHISTERECTOMIA EM CADELAS

LEAL, Letícia Gicliotti¹; OLIVEIRA, Bruna Marcele Martins²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A OSH tem sido amplamente indicada na espécie canina devido aos seus efeitos benéficos como a diminuição da natalidade de animais, diminuição da agressividade e hiperatividade do animal, redução de ocorrências de fugas e brigas e não ocorrências de patologias como piometra e neoplasias hormônio dependentes. No entanto, a incontidência urinária é uma das complicações pós cirúrgicas que acontecem com maior frequência na espécie. Essa complicação ocorre devido à alteração funcional do esfíncter uretral, denominada incompetência do mecanismo do esfíncter uretral (USMI), que é considerada a causa mais freqüente da incontidência urinária adquirida. A retirada das gônadas leva à baixa concentração de estrógeno na circulação sanguínea, e aumento crônico de produção e excreção de hormônio folículo estimulante (FSH) e hormônio luteinizante (LH), por falta de retroalimentação do eixo hipotalâmico hipofisário gonadal. Ocorre também, diminuição das fibras do tipo I e II da região do esfíncter uretral externo (músculo uretral) por falta de hormônio sexual.

Existem algumas alternativas para o tratamento dessa condição, desde de técnicas minimamente invasivas (laserterapia), terapia farmacológica (fenilpropanolamin e estriol) e procedimentos cirúrgicos (sling cirúrgico periuretral). Apesar das opções de tratamento, ainda há divergências com relação à essas condutas e, por isso, estudos são necessários para que o mecanismo da incontinência urinária pós castração seja melhor compreendido, de forma que seja possível a busca por tratamentos inovadores para que haja melhora no prognóstico.

Palavras-chave: Incontinência Urinária; Estrógeno; Ovariosalpingohisterictomia

19. INTOXICAÇÃO ALIMENTAR EM CÃES POR CHOCOLATE

DOMINICI, Bruna Mara¹; ALVISI, Renato Duarte²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A intoxicação dos animais de estimação não é uma coisa rara de se encontrar em uma clínica veterinária. No caso da intoxicação por chocolate na maioria dos casos acontece de forma acidental pela falta de informação por parte dos donos sobre a gravidade do consumo desse alimento. O chocolate tem em sua composição uma substância chamada teobromina (encontrada no cacau), que é rapidamente absorvida após ingestão oral e é um estimulante poderoso do sistema nervoso central e do coração. A teobromina provoca um intenso aumento no trabalho muscular cardíaco associado à uma grande estimulação do cérebro, ocasionando arritmias cardíacas graves em cães. Não existe um tratamento fixo para a intoxicação por chocolate pois varia de acordo com os sintomas apresentados, mas na maioria dos casos o cão é internado para indução de vômito, lavagem gástrica já que o chocolate adere à mucosa intestinal, podendo fazer uso auxiliar do carvão ativado e um protetor gástrico, possibilitando assim uma desintoxicação satisfatória. Este trabalho tem como objetivo demonstrar a gravidade do consumo indevido de chocolate por cães, e consequentemente abordar os principais tratamentos.

Palavras-chave: Intoxicação; Chocolate; Teobromina

20. LEVANTAMENTO CASUÍSTICO DE OTITE EXTERNA EM CÃES CAUSADA POR *Malassezia sp* NO HVET DA FESB (2015 À 2017)

ANDRADE, Malena Lopes¹; NEGRO, Maria Raquel de Godoy Oriani Costa²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

Na clínica médica de pequenos animais rotineiramente aparece pacientes apresentando otites externas crônicas, se fazendo necessário ter conhecimento da microbiota normal do conduto auditivo dos cães e gatos. Na microbiota do conduto auditivo de pequenos animais pode-se encontrar duas bactérias e uma levedura, sendo elas respectivamente *Staphylococcus intermedius*, *Streptococcus sp.*, e *Malassezia sp.*, sendo que estes microrganismos podem se proliferar quando existem alterações de temperatura, umidade relativa do conduto e pH, se tornando altamente patogênicas e proliferando-se, havendo uma inflamação do conduto auditivo, o que leva ao insucesso das terapias aplicadas a esses animais. A principal causa do insucesso das terapias aplicadas e recidivas da doença, deve-se a falta de exames complementares para o fechamento do diagnóstico definitivo acusando o agente causal

desta inflamação, assim aplicando-se a terapia ideal para o paciente, além de também ter como causa a falta de conhecimentos dos profissionais sobre o que pode causar o distúrbio da microbiota e desencadear a inflamação. Sendo assim, neste trabalho o principal foco será fazer um levantamento casuístico de otite externa em cães tentando estabelecer suas causas predisponentes.

Palavras-chave: Microbiota, Conduto auditivo, Otite externa.

21. LEVANTAMENTO DE DADOS DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE BRAGANÇA PAULISTA SOBRE DIAGNÓSTICO DE LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

BARTHOLOMEU, Viviane Tibério¹; CASTRO, Rita de Cássia Carmona²; COSTA, Luís Eduardo da Silva³

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Profa. Me. Medicina Veterinária FESB; ³ Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A Leishmaniose visceral canina (LVC) tem grande impacto na saúde pública do Brasil, além de ser uma enfermidade de caráter crônico, também tratar-se de uma zoonose. O cão doméstico é o principal reservatório deste protozoário tendo como agente etiológico a *Leishmania infantum* (*L. chagasi*) transmitida principalmente pela picada da fêmea Díptera *Lutzomyia longipalpis*. Devido inúmeros casos registrados no país é de grande valia realizar o levantamento de dados de questionário aplicado aos médicos veterinários da cidade em questão, Bragança Paulista, para esclarecer dúvidas decorrentes dos possíveis exames diagnósticos para esta enfermidade e sua viabilidade nesta região. Foram elaboradas perguntas através do uso do recurso de Google Forms e apresentadas aos veterinários, das quais questionam métodos diagnósticos laboratoriais como Reação em Cadeia da Polimerase (PCR), cultivo in vitro do parasito, ou por métodos sorológicos, como ELISA (Ensaio Imunoenzimático) e RIFI (Reação de Imunofluorescência Indireta), sinais clínicos, exame Histopatológico, para que possa ser registrados dados números de procedimentos corriqueiros para esta enfermidade. O trabalho tem como objetivo através de dados, demonstrar o real conhecimento destes exames, pois Bragança Paulista encontra-se em uma região interiorana da qual tem cidades próximas com vários registros da LVC, como Campinas, Nazaré Paulista entre outras, tais casos se aproximam cada vez mais da cidade em questão. Os resultados demonstraram se no cotidiano das clínicas existe um padrão diagnóstico para esta enfermidade.

Palavras - chave: Leishmaniose; Cão; Onicogribose; Diagnóstico

22. LEVANTAMENTO RETROSPECTIVO DE RESULTADOS DE CULTURA E ANTIBIOGRAMA E OCORRÊNCIA DE RESISTÊNCIA BACTERINA MEDIADAS PELO GENE MECA EM INFECÇÕES TEGUMENTARES CANINAS

CUNHA, Rodrigo Augusto¹; BOECHAT, Laís Pretti²; CASTRO, Rita de Cássia Carmona³

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Médica Veterinária Especialista HVET-FESB; ³ Profa. Me. Medicina Veterinária FESB

Infecções bacterianas superficiais tegumentares caninas são comumente atendidas na clínica médica de pequenos animais sendo possível observar a dificuldade de se obter êxito no tratamento, uma vez que ao longo dos anos pôde-se observar o uso indiscriminado de antibióticos que acarretou ao aumento de infecções causadas por bactérias multirresistentes, sendo que a principal resistência relatada em *Staphylococcus* é aquela mediada pelo gene *MecA*. O principal objetivo do trabalho foi avaliar a frequência de ocorrência de bactérias e presença de resistência mediadas pelo gene *MecA* através do método de cultura e antibiograma automatizados para identificar a bactérias, gênero e fator de resistência. Os resultados definitivos ainda estão em processo de avaliação.

Palavras-chave: Dermatopatia; Piodermite canina; Resistência bacteriana.

23. NEOPLASIA MAMÁRIA INDUZIDA PELA ADMINISTRAÇÃO DE ACETATO DE MEDROXIPROGESTERONA

SILVA, Gabriel Pereira¹; OLIVEIRA, Bruna Marcele Martins²; SILVIO, Maurício Melo³

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB; ³ Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

Neoplasia mamária em cadelas é frequente na rotina clínica veterinária, sendo que a hormonioterapia é uma das causas da ocorrência desta enfermidade. Tutoros fazem o uso destes indiscriminadamente, pois além de não ser exigida a receita, a administração não é feita pelo profissional. É importante o conhecimento da fisiologia do ciclo estral da cadela, pois a indicação do uso deste fármaco é durante o período de anestro, ou seja, no período onde não há produção de progesterona. Grande quantidade de progesterona no organismo irá ocorrer alterações fisiológicas como preparação do endométrio para receber o embrião, secreção de leite uterino que irá predispor a piometra, além de desenvolvimento da glândula mamária. Segundo a bula do fármaco, cadelas submetidas a este hormônio, podem apresentar piometra, pseudociese que em consequência o desenvolvimento de neoplasia destas glândulas. Estas neoplasias na maioria das vezes possui um alto grau de malignidade, predispondo então o animal à metástase em órgãos adjacentes. O tratamento na maioria das vezes é cirúrgico, porém o animal deve estar estável para ser submetido a este procedimento, o veterinário deve realizar a técnica de mastectomia uni ou bilateral, a conduta do médico veterinário deve ser tomada no momento do ato cirúrgico. É importante encaminhar este material para exame de histopatológico para estabelecer a conduta de tratamento posterior ao procedimento em relação do uso de quimioterápicos.

Palavras-chave: Ciclo estral, grau de malignidade, metástase, Mastectomia.

24. OS PRINCIPAIS FÁRMACOS POPULARES QUE PODEM CAUSAR INTOXICAÇÃO EM GATOS DOMÉSTICOS

SILVA; Dessirêe Lais Santos Duque Silva¹, ALVISI, Renato Duarte Alvisi²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

Com o passar o tempo houve um aumento significativo de cães e gatos como animais de companhia ou domésticos, sendo assim, muitos acreditam que mesmo sendo de espécies diferentes, estes podem ser criados de maneira igual. Por existir pensamentos assim, quando um gato se encontra doente,

logo o tutor pensa que o mesmo medicamento que usou para seu cão doente serve para seu gato também. A falta de informações corretas dos tutores em relação aos gatos se tornam um grande risco, pois os gatos têm particularidades em seu organismo que faz com que ele seja muito diferente do cão, logo nem todo medicamento pode ser usado no gato e outros podem ser usados com certas restrições no gato. O seguinte trabalho tem como finalidade apresentar como o organismo de um gato doméstico (*Felis catus*) possui diferenças em relação ao cão doméstico (*Canis lupus familiaris*), como o organismo do gato reage a intoxicações por determinados fármacos, as consequências do uso indiscriminado de fármacos sem conhecimento prévio do tutor, identificação de um animal intoxicado, possíveis tratamentos para reversão do quadro e quais possíveis sequelas.

Palavras-chave: Intoxicação, Fármacos, Gato Doméstico

25. OSTEOSSARCOMA APENDICULAR EM RÁDIO – RELATO DE CASO

SILVA, Amanda Galassi Nunes¹; CAVALCANTI, Josemara Neves²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Dra. Medicina Veterinária FESB;

Osteossarcoma ou sarcoma osteogênico é o tumor primário mais comum do tecido ósseo e representa 80 a 90% dos tumores desse tecido. É um tumor mesenquimal maligno, agressivo, de crescimento rápido, e com grande incidência de formação de metástases. Acomete cães de porte grande e gigante, com idade entre 7 a 10 anos, envolvendo, geralmente, a região metafisária dos ossos longos. Os animais afetados geralmente apresentam claudicação aguda ou gradual e edema doloroso na área afetada do membro. O acometimento dessas estruturas leva ao enfraquecimento ósseo e predispondo a fraturas patológicas. Tem o comportamento de se disseminar ao longo da cavidade medular, podendo invadir o periosteio e fáscia profunda. São citados como métodos diagnósticos a radiografia do membro, onde observa-se lesões osteolíticas que apresentam bordas irregulares ou onduladas, citologia aspirativa com agulha fina (CAAF), que revelam intensa quantidade de células mesenquimais imaturas que podem ter osteóide intracitoplasmático ou extracelular, utilizado com o intuito de descartar osteomielite fúngica ou bacteriana e biópsia tecidual para realização de exame histopatológico, caracterizando-se por quantidade variável de osteoide e osso maduro, citado como o método de diagnóstico definitivo. De acordo com o subtipo histológico pode-se definir o prognóstico. A amputação do membro é uma alternativa de tratamento paliativo, como forma de controle local do tumor. A cirurgia raramente resulta em cura quando realizada isoladamente. A quimioterapia é uma prática terapêutica utilizada com o objetivo de diminuir a carga total do tumor, proporcionando uma sobrevida e qualidade de vida maior em animais com metástases. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico ocorrido no Hovet-Fesb de um cão, labrador, de dois anos de idade, que apresentava claudicação e aumento de volume no membro esquerdo em região distal de rádio, diagnosticado com Osteossarcoma osteoblástico através de exame histopatológico. O tratamento preconizado foi amputação do membro e sessões de quimioterapia, proporcionando qualidade de vida ao animal.

Palavras-chave: Tumor; Cão; Neoplasia maligna; Metástase

26. PÊNFIGO FOLIÁCEO – RELATO DE CASO

SILVA, Laís Bernucio¹; COSTA, Luís Flávio da Silva²¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

O pênfigo foliáceo é uma doença autoimune de pele caracterizada pela produção de anticorpos contra um componente de moléculas de adesão nos ceratinócitos. A deposição dos anticorpos nos espaços intercelulares causa a separação das células nas camadas mais externas da epiderme. É uma doença que pode afetar qualquer idade, sexo e raça, sendo as predispostas, Akita, Chow Chow, Doberman, Collie. As lesões primárias caracterizam-se por pústulas intradérmicas com diâmetro variável. Já as lesões secundárias mais facilmente visualizadas são: crostas, escamas, erosões, colaretes epidérmicos decorrentes da ruptura pustular, alopecia. Normalmente as lesões de iniciam na região da face, ponte nasal, pavilhão auricular e nos coxins plantares. O diagnóstico é obtido através da anamnese, exames físicos e laboratoriais, sendo os exames citológicos e histopatológicos os mais eficientes para obter um diagnóstico preciso. O tratamento requer cuidado para impedir manifestações de infecções secundárias e presença de ectoparasitos que podem piorar o quadro clínico do animal. Imunossupressores são a base tratamento seja por meio de glicocorticoides ou por imunomoduladores. Em janeiro foi atendido na clínica de dermatologia veterinária DermoVet, uma cadela da raça Bulldog Frances de 1 ano e 8 meses apresentando quadro sugestivo de pênfigo foliáceo. O diagnóstico foi confirmado com exames citológico e biópsia da pústula íntegra caminhado para histopatológico. No tratamento inicial imunossupressor foi utilizado Prednisolona, Azitioprina onde foi feito desmame quando o animal apresentou progressão lesional. O animal permanece em tratamento, retornando a clínica para realização de exames para acompanhamento. Até agora o animal não apresentou graves recidivas.

Palavras-chaves: Dermatite pustular; Doença autoimune; Alopecia; Células Acanolíticas

27. PROTOCOLO EMERGENCIAL EM CASOS DE ENVENENAMENTO EM CÃES

FERREIRA, Pâmela de Tomin¹; ALVISI, Renato Duarte²¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A ocorrência de casos de envenenamentos criminais em cães na clínica veterinária tem sido cada vez maior, portanto é de fundamental importância que os médicos veterinários tenham conhecimento dos protocolos emergenciais utilizados nestes casos e estejam aptos à diagnosticar um paciente envenenado. Deve se levar em conta que uma anamnese bem detalhada, um exame físico minucioso e análise química de amostras colhidas do animal ou no ambiente em que o animal estava são essenciais para estabelecer e confirmar o diagnóstico de envenenamento, e assim realizar um protocolo emergencial de sucesso, evitando que esses animais venham a óbito. Levando em consideração que os sinais clínicos dos pacientes variam de acordo com a ação do veneno presente no organismo do animal. Os principais venenos envolvidos nos casos de intoxicação em cães são: carbamatos, cumarínicos, e estriçnina. Destacando os carbamatos como principais substâncias encontradas em cães intoxicados, muitas vezes por ser um produto químico de baixo custo e mesmo sendo de comercialização proibida pela ANVISA, assim como a estriçnina é de fácil aquisição ilegal.

Palavras-chave: Carbamatos; Cumarínicos; Estriçnina; Cães; Envenenamento; Sinais clínicos; Intoxicação; Protocolos emergenciais

28. QUIMIOTERÁPICOS VETERINÁRIOS: QUAL A MELHOR ESCOLHA?

CAETANO, Tatiane Domingues¹; ALVISI, Renato Duarte²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A quimioterapia constitui-se de um método eficiente para o tratamento de neoplasias em cães e gatos sendo que, muitos antineoplásicos podem interferir diretamente nos processos de síntese de DNA, RNA e proteínas levando à morte celular imediata. A maioria destes fármacos são tóxicos e devem ser manipulados adequadamente para que não haja alterações indesejáveis e saber principalmente as características farmacológicas de cada droga. Os quimioterápicos mais utilizados na medicina Veterinária são classificados em grupos, sendo eles os alquilantes, antimetabólitos, antimicrotúbulos, antibióticos, hormônios e outros agentes antineoplásicos. Estes fármacos são utilizados para vários tipos de neoplasias e muitas das vezes o mesmo quimioterápico é associado para aumentar seu efeito citotóxico aumentando sua eficácia. Uso adjuvante após excisão cirúrgica ou previamente como em uso de eletroquimioterapia. A conduta terapêutica deve ser realizada de acordo com o resultado do histopatológico realizado após biópsia, e o principal objetivo é diminuir a progressão da neoplasia prolongando a sobrevivência do paciente diagnosticado.

Palavras-chave: Antineoplásicos; Tratamento para neoplasias; Efeitos adversos; Toxicidade; Efeito citotóxico

29. RUPTURA DE CORDOALHA TENDÍNEA ACESSÓRIA: RELATO DE CASO

SOMERA, João Otávio Sampaio¹; CANEZIN, Giovana Zani¹; RIBEIRO, Marcelo Adani Perrone¹; SOUZA, Caroline Zorzi¹; DEMO, Renan Salhab¹; GATTO-FUSETTI, Lorena¹; MEGIATTO, Erika Alice Proni²

¹ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ² Médica Veterinária Especialista HVET-FESB

Relato de caso de um paciente com histórico de cardiopatia importante, a degeneração mixomatosa das valvas atrioventriculares e posterior ruptura de cordoalha tendínea. O paciente está sob tratamento há 1 ano, diagnosticado pelo setor de cardiologia do Hospital Veterinário da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (HVET-FESB), com endocardiose de valva mitral e tricúspide observando importante repercussão atrioventricular esquerda e discreta repercussão atrioventricular direita. No dia 18/04/2018, o proprietário trouxe o paciente ao serviço de atendimento de emergência na empresa “MelloVet” queixando que o mesmo, estava apresentando muita “ofegância”, tosse seca improdutiva e cianose de língua. Sabendo-se do histórico do paciente e constatação de crepitação pulmonar na auscultação, foi instituída terapia para um possível edema pulmonar agudo cardiogênico, através de furosemida e pimobendamil. Após 24 horas de regime de internação, o paciente foi encaminhado para o setor de cardiologia para reavaliação. Através de exame de ecocardiograma foi visualizada ruptura de cordoalha tendínea acessória esquerda e prolapso das cúspides valvares, refletindo em importante repercussão hemodinâmica atrioventricular esquerda. O tratamento visa diminuir a sobrecarga de volume, reduzir a pressão sanguínea, aumentar a contratilidade e vasodilatação, na tentativa de reduzir a resistência para manter o débito cardíaco.

Sabendo-se disso, houve alterações no tratamento da cardiopatia, que inclui aumentar a frequência de utilização dos medicamentos. Até o presente momento, o paciente está sendo reavaliado semanalmente pelo serviço de cardiologia do Hospital Veterinário FESB. Realizou-se alterações no tratamento, na tentativa de diminuir e manter os valores abaixo dos padrões de congestão pulmonar e circulatória.

Palavras – chave: Cão; Endocardiose de valva mitral; Insuficiência cardíaca congestiva esquerda; Edema pulmonar; Ruptura de cordoalha tendínea.

30. SEMIOLOGIA DO SISTEMA NERVOSO DE CÃES E GATOS: GUIA PRÁTICO PARA ROTINA

BARNEZE, Fabiana Mezzanotte¹, ALVISI, Renato Duarte²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

O exame neurológico e sua interpretação dependem de um conhecimento básico de neuroanatomia para analisar as funções normais de áreas específicas, assim como os sinais clínicos de disfunção, possibilitando determinar qual estrutura está sendo afetada para definir exames necessários para alcançar o diagnóstico e realizar o tratamento adequado em cada caso. A avaliação do estado mental e comportamento, marcha e reações posturais, nervos cranianos, reflexos espinhais, palpação e percepção a dor são os principais componentes de um exame neurológico. Para abordar um caso clínico neurológico é preciso seguir uma metodologia, esta metodologia ajuda a passar por dados fundamentais e permite economizar tempo. Uma opção de tratamento é o uso da medicina veterinária complementar e alternativa que abrange um amplo espectro de modalidades terapêuticas, como acupuntura, quiropraxia, fitoterapia, fisioterapia e outras, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do paciente e do tutor, diminuir a dor e adotar uma visão mais holística do paciente.

Palavras-chaves: Exame neurológico; Neuroanatomia; Terapia complementar e alternativa.

31. SÍNDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM CÃES

BOLSARI, Livia Rodrigues¹; NUNES, Rafaella Helena Antunes¹; LIMA, Camila Cristiane²; CUNHA, Franciele Oliveira²; GOSI, Evellyn Bruno²; BOECHAT, Laís Preti³

¹ Médica Veterinária Trainee Mellovet; ² Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ³ Médica Veterinária Especialista HVET-FESB

O envelhecimento contempla em um processo biológico complexo, nele é possível citar a alteração de células e tecidos do organismo, os quais perdem suas capacidades adaptativas. Com o avanço da idade, os cães apresentam alterações consideradas normais de envelhecimento, porém, quando esses sinais comportamentais se tornam exacerbados, ocorre uma síndrome neurodegenerativa chamada Disfunção Cognitiva Canina (DCC) ou Síndrome da Disfunção Cognitiva (SDCC). Os sinais clínicos comumente observados são desorientação, irritação, diminuição na interação com tutores, alterações no ciclo de sono e dificuldade para realizar tarefas comuns. Para conseguir um diagnóstico mais preciso de SDCC, deve-se primeiro descartar doenças concomitantes e diferenciar de alterações de comportamento primárias. Dentre os diagnósticos diferenciais, podemos citar patologias como

tumores cerebrais, lesões hepáticas, doenças hormonais como hipotireoidismo e hiperadrenocorticismo, e através de exame físico completo, exames laboratoriais (hemograma, função hepática e renal e exames hormonais como T4 livre e cortisol) e de imagem (tomografia computadorizada ou ressonância magnética) podemos eliminar essas causas orgânicas. A anamnese e histórico detalhado também são importantes, para descartar traumas cranianos ou histórico familiar de desordens neurológicas. O diagnóstico definitivo só é possível post-mortem, através de exame histopatológico do cérebro do animal. O tratamento tem como objetivo repor os níveis de neurotransmissores, facilitar o metabolismo e reduzir a progressão da doença. São indicados a nível experimental também, o enriquecimento ambiental e vasodilatadores cerebrais. Atualmente, a SDCC não tem cura e há tendência de agravamento progressivo, e seu prognóstico de qualidade de vida é bastante variável. São inúmeros os fatores que influenciam esse prognóstico, entre eles a idade, duração e gravidade dos sinais clínicos, o caráter das alterações fisiopatológicas presentes, a terapia instituída e a existência de doenças concomitantes. O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre esta afecção em cães, abordando seus aspectos etiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos.

Palavras-chave: Cães idosos; Envelhecimento; Síndrome neurodegenerativa

32. SÍNDROME ÚVEODERMATOLÓGICA (VOGT-KOYANAGI-HARADA): RELATO DE CASO

CANEZIN, Giovana Zani¹; PAES, Flávia Rodrigues Souza²; BOECHAT, Laís Preti³; SOUZA, Caroline Zorzi¹; GATTO-FUSETTI, Lorena¹; RIBEIRO, Marcelo Adani Perrone¹; DEMO, Renan Salhab¹; SOMERA, João Otávio Sampaio¹; NUNES, Rafaella Helena Antunes¹.

¹ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ² Médica Veterinária Especialista HVET-FESB

A Síndrome Úveodermatológica (SUD), também denominada de Vogt-Koyanagi-Harada (V-K-H), trata-se de uma síndrome incomum considerada um distúrbio autoimune mediado por linfócitos-T contra melanócitos da úvea e pele, e de proteínas formadoras de melanina. Foi descrito pela primeira vez em 1977 no Japão em dois cães da raça Akita, sendo a raça mais comumente afetada, porém há relatos em Chow-Chow, Husky Siberiano, Samoieda, Pastor de Shetland, Golden Retriever, Fila Brasileiro e Setter Irlandês. Não há predileção por sexo, faixa etária e fatores hereditários. É caracterizada por alterações oftalmológicas e dermatológicas que podem ocorrer de forma concomitante ou em momentos diferentes. Os sinais oculares caracterizam-se por uveíte anterior ou panuveíte bilateral, despigmentação uveal, deslocamento de retina e cegueira. Já os sinais dermatológicos comumente observados são vitiligo em pálpebras, plano nasal, lábios e ocasionalmente em escroto, coxins e palato duro. O diagnóstico definitivo. Devido a semelhança ao padrão lesional de outras enfermidades como Leishmaniose e Lúpus eritematoso, é firmado a partir da avaliação clínica detalhada e realização de exames específicos incluindo teste oftálmico e avaliação histopatológica das lesões cutâneas. Devido ao caráter imunomediado da lesão, a terapia é baseada na administração de imunomoduladores e imunossupressores sistêmico e tópico, afim de controlar os sinais clínicos. Neste trabalho, o objetivo foi relatar um caso clínico de um cão SRD de 4 anos, fêmea, atendido no Hospital Veterinário da Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista (HVET-FESB), em 2015, apresentando despigmentação de pálpebra e plano nasal, uveíte e glaucoma unilateral, diagnosticado com SUD através de biópsia das lesões cutâneas.

Palavras-chave: Akita; Uveíte; Imunomediada; Melanócitos

33. TRANSFUSÃO DE PLASMA PARA O TRATAMENTO DE PANCREATITE AGUDA EM CÃES

MELO, Camila Oliveira¹; HADA, Fabrício Hirota²; CASTRO, Rita de Cássia Carmona³

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB; ³Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A pancreatite aguda tem sido cada vez mais estudada, devido não ter tratamento específico, além disso é uma doença relativamente comum nos cães, sendo definida como uma enfermidade inflamatória que acomete o pâncreas exócrino e possui diversas etiologias. Doença de diagnóstico difícil, sendo necessário realizar exames laboratoriais como; a mensuração da lipase e amilase, TLI, urinálise, hemograma, bioquímico, além de exames de imagem, como radiografias, ultrassonografia abdominal e tomografias. Entretanto, o diagnóstico definitivo é feito através do histopatológico por biópsia. Diversas complicações estão relacionadas à pancreatite aguda como: falência renal, coagulação intravascular disseminada, sepse, peritonite, choque e arritmias cardíacas. O tratamento é baseado em conjunto de medidas, administração de fluidoterapia, anti-êmeticos, analgésicos e uso de antibioticoterapia. Se a albumina sérica estiver abaixo dos valores normais, é indicado a utilização da transfusão de plasma, com o objetivo de corrigir essa alteração e proporcionar normoalbuminemia e pressão oncótica, tendo como consequência, melhora na microcirculação, reduzindo edema do pâncreas, diminuindo a chances de edemas pulmonares, derrame pleural e insuficiência renal. Apesar das novas pesquisas, a doença inflamatória pancreática ainda é um desafio, sendo importante novos estudos sobre a afecções e os possíveis protocolos de tratamentos eficazes.

Palavras-chave: Inflamação pancreática; Transfusão de plasma; Tratamento

34. TROMBOEMBOLISMO AÓRTICO FELINO – RELATO DE CASO

DEMO, Renan Salhab¹; CANEZIN, Giovana Zani¹; RIBEIRO, Marcelo Adani Perrone¹; SOUZA, Carolina Zorzi¹; GATTO-FUSETTI, Lorena¹; SOMERA, João Otávio Sampaio¹, BOLSARI, Lívia Rodrigues; NUNES², Rafaella Helena Antunes, MEGIATTO, Érika Proni³

¹ Aprimorando (a) em clínica médica e cirúrgica de pequenos animais do HVET-FESB; ²Trainee de Terapia Intensiva MelloVet; ³Médica Veterinária Especialista HVET-FESB

O tromboembolismo é caracterizado pela migração de um coágulo, agregado plaquetário ou trombo do sítio de origem para a circulação sanguínea levando a obstrução de vasos. Nos felinos, a etiologia mais comum é a cardiomiopatia hipertrófica, onde há estase sanguínea e lesão endotelial adicionados a hipercoagulabilidade da espécie predispondo a formação de um trombo. O trombo migra pela artéria aorta abdominal e gera obstrução de artéria ilíaca externa e/ou trifurcação aórtica, levando a obstrução do fluxo sanguíneo no membro e sinais de hipoperfusão com acidose local levando a dor e vocalização, ausência de pulso femoral, pecilotermia, palidez e paralisia do membro afetado. O diagnóstico é clínico, porém a ultrassonografia abdominal, o ecodopplercardiograma e o doppler vascular podem servir como auxiliares diagnósticos. A heparina de baixo molecular associada ao clopidogrel é uma medida emergencial para evitar a formação de novos trombos e evolução da

doença. É uma enfermidade com prognóstico ruim, onde 15 a 30% dos animais sobrevivem ao primeiro evento. Um animal da espécie felina, macho, sem raça definida de 1 ano de idade foi atendido no Serviço de Clínica Médica do Setor de Pequenos Animais do Hospital Veterinário Dr. Bernardo Aranovich, com histórico de paralisia abrupta de membro pélvico esquerdo, vocalização e dor. No exame físico foi detectado aspecto geral anormal (animal prostrado), mucosas pálidas, pecilotermia, paralisia, ausência de pulso femoral e ausência de sangramento de unhas em membro pélvico esquerdo. Não foram identificadas outras alterações dignas de nota ao exame clínico. O animal foi encaminhado para internação semi intensiva e foi realizada as seguintes medicações: Heparina de baixo peso molecular infusão contínua, Clopidogrel 17,25 mg por via oral e metadona via subcutânea na dose de 0,3 mg/kg. O animal veio a óbito durante o tratamento, o qual impossibilitou a realização de exames complementares. Realizou-se a necropsia, onde identificou a presença de trombos em artéria ilíaca interna e externa que irrigam o membro pélvico esquerdo. A obstrução da artéria ilíaca gera uma hipoperfusão do membro e como tentativa de compensar a hipoxemia, as células entram em metabolismo anaeróbio tendo uma acidose local. A acidose leva a sensibilização de nociceptores gerando dor e vocalização. A ausência de pulso femoral, ausência de sangramento da unha e a paralisia apresentada no exame físico é justificada pela ausência do fluxo sanguíneo no local gerado pela obstrução. No exame histopatológico do coração foi identificada hipertrofia ventricular concêntrica, um achado clássico de cardiomiopatia hipertrófica felina, sendo esta a causa mais comum de tromboembolismo em gatos. O presente relato evidencia a evolução rápida e com prognóstico ruim de uma complicação da cardiomiopatia hipertrófica felino, com isso ressalta-se a importância de avaliação de rotina de gatos predispostos a doença, sendo assim possível instituir medidas preventivas que evitem tal complicação.

Palavras-chave: Cardiomiopatia hipertrófica; Coagulação; Cardiologia

EQUÍDEOS**35. ABSCESSO EM FOSSA PARALOMBAR DIREITA APÓS TIFLOCENTESE EM EQUINO: RELATO DE CASO**

ARANTES, Gabriel Vinicius Rios¹; MOTA, Wagner Aparecido de Oliveira²; MARTINS, Alex Eduardo Alves³; WOLF, Verena Hildegard Gyárfás⁴

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Aprimorando de Clínica e Cirurgia de Grandes Animais HVET-FESB; ³Médico Veterinário Especialista HVET-FESB; ⁴Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A aplicação de trocarter em fossa paralombar direita ou tiflocentese, é uma técnica muito utilizada por médicos veterinários no campo, pois é indicada para aliviar o timpanismo de gás livre que se forma no interior do ceco dos equinos, podendo ser oriundo de diversos distúrbios gastrointestinais. Este timpanismo cecal pode prejudicar a expansão abdominal, fazendo com que o animal não consiga respirar adequadamente. Nestes casos a tiflocentese tem grande eficácia, pois diminui o desconforto abdominal dando um alívio para o animal, e evitando que ocorra o rompimento das alças intestinais. A tiflocentese em equinos causa uma perfuração da pele, musculatura, peritônio e intestino, sendo assim, é considerada uma causa física e iatrogênica de peritonite focal. Os maiores riscos do procedimento são: laceração da mucosa intestinal e o extravasamento de ingesta, onde há grande presença de bactérias. É recomendada a administração de antibióticos sistêmicos para equinos que sofreram a tiflocentese. No dia 12, de janeiro de 2018, foi recebido no HVET- FESB, um equino macho com 2 anos de idade, da raça Mangalarga Marchador, pesando 350kg. Na anamnese o proprietário relatou que o animal apresentava um aumento de volume na região da fossa paralombar direita e com a investigação diagnostica, o mesmo disse que havia realizado uma tiflocentese há 10 dias, pois o animal apresentou um episódio de cólica, mas não revelou quem realizou o procedimento. No exame físico o animal apresentava frequência cardíaca de 60 bpm, frequência respiratória de 20 mpm, mucosas congestionadas, tempo de preenchimento capilar de 2”, temperatura de 38,1°C, na auscultação abdominal revelou hipomotilidade cecal e motilidade intestinal normal nos outros quadrantes. O aumento de volume era de consistência firme, e ao toque o animal apresentava dor, ao passo o animal apresentava claudicação do membro pélvico direito. O tratamento se iniciou pela drenagem do abscesso através de uma incisão no centro do nódulo (Figura 2), e posteriormente foi feita a limpeza com Clorexidina degermante e água, e em seguida com solução a base de Gentamicina. O curativo era realizado com pomada no local (Furanil®, açúcar, carvão ativado e Unguento®), este procedimento se repetiu durante os 10 dias de internação do paciente, sendo realizado 2 vezes ao dia, antes da limpeza e do curativo, era realizado 20 minutos de ducha com água em temperatura ambiente. Para a complementação do tratamento preconizou o uso de Enrofloxacino (5,5 mg/kg), Flunixinina Meglumina (1,1 mg/kg). Após a alta hospitalar, que ocorreu 10 dias após a internação, continuou-se o tratamento na propriedade com Enrofloxacino (5,5 mg/kg) por mais 10 dias, limpeza e curativo da ferida. Até a presente data não houve recidiva.

Palavras-chave: Tiflocentese; Cólica; Abscesso; Equino

36. ANATOMOFISIOPATOLOGIA DA HEMIPLEGIA LARÍNGEA

BASÍLIO, Alfredo Saraceni¹; LOPES, Luís Alberto da Silva²; SÍLVIO, Maurício Melo³

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Esp. Medicina Veterinária FESB; ³ Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A Hemiplegia laríngea, conhecida também como síndrome do cavalo roncador, é um distúrbio comum em equinos e é caracterizada pela paralisia da musculatura da laringe, o que impede a movimentação das cartilagens aritenóides, prejudicando a passagem de ar e produzindo consequentemente um ruído respiratório durante a realização de exercício físico. O nervo laríngeo recorrente, que é responsável por inervar grande parte das estruturas da laringe, pode sofrer um processo de degeneração caso ocorra uma lesão sobre ele, ocasionando uma atrofia dos músculos laríngeos, principalmente o cricoaritenóide. Esta disfunção irá resultar em uma movimentação inadequada das cartilagens aritenóides, levando a uma diminuição do fluxo de ar para os pulmões e tendo como principal consequência desse distúrbio a intolerância ao exercício. O lado mais acometido por essa enfermidade é o esquerdo, sendo desconhecido o motivo, mas possivelmente deve-se ao fato de que os axônios do nervo do lado esquerdo são mais longos que o do lado direito, consequentemente faz com que o nervo do lado esquerdo seja mais injuriado pelas lesões axônicas. Na grande maioria dos casos de paralisia laríngea a causa é desconhecida, fazendo com que seja denominada de hemiplegia laríngea idiopática. Com a suspeita de hemiplegia laríngea, deve-se realizar exame endoscópico da laringe e os resultados encontrados são classificados de grau I a V, com crescente gravidade. As técnicas cirúrgicas mais comuns para tratamento desta enfermidade são laringoplastia protética com ou sem ventriculectomia ou aritenoidectomia parcial.

Palavras-chave: Hemiplegia laríngea; Síndrome do cavalo roncador; Aritenóides; Nervo laríngeo; Larigoplastia protética

37. ANESTESIA TOTAL INTRAVENOSA – TIVA

OLIVEIRA, Matheus dos Santos¹; ALVISI, Renato Duarte²; MATTOS, João Francisco de Azevedo²

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

Anestesia total intravenosa (TIVA) é feita por fármacos que deprimem a atividade do sistema nervoso central, e tem como característica proporcionar ao animal todos os componentes da anestesia: inconsciência, analgesia e relaxamento muscular, de forma calculada para que não promova riscos à vida do animal. Para que isto aconteça é necessário que o anestesista tenha pleno conhecimento da farmacocinética dos anestésicos injetáveis se o mesmo é ideal sendo hidrossolúvel, tendo prazo longo de validade, estável ao calor e à luz, pequeno volume injetado para produzir anestesia, grande margem de segurança, período hábil curto, sem efeitos acumulativos e com rápida metabolização e que não produza alterações imprevisíveis na função cardiovascular e respiratória e faça uso de bomba de infusão, garantindo sucesso na técnica. A utilização da anestesia intravenosa total também é de grande importância por garantir um ambiente livre dos gases produzidos pela anestesia inalatória e que são prejudiciais à saúde do anestesista e da equipe cirúrgica. Com isto, este trabalho tem o objetivo de apresentar revisão bibliográfica apontando os principais fármacos injetáveis e farmacologia dos mesmos, as técnicas de infusão contínua e particularidades nas espécies domésticas e as vantagens e desvantagens do procedimento.

Palavras-chave: Anestesia total intravenosa; Infusão contínua; Farmacologia; Animais domésticos.

38. ARTRITE SÉPTICA EM ARTICULAÇÃO ESCAPULO-UMERAL EM EQUINO.IZZO, Leticia Ramalho¹; LOIACONO, Bruno Zambelli²¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A artrite séptica é uma enfermidade comum diagnosticada na clínica de equinos, podendo acometer neonatos e adultos sem predileção por sexo ou raça. Em neonatos, a infecção pode ocorrer por falha na transmissão de imunidade passiva, através do cordão umbilical e lesões infectadas em tecidos próximos a articulação acometida. Em equinos adultos as causas são lesões diretas na articulação, como lacerações e injeções intra-articulares. Suas consequências incluem osteoartrite, osteomielite e osteoartrose, sendo prejudicial ao bem-estar do animal e seu futuro esportivo. O diagnóstico é definido através do histórico, sinais clínicos, imagens radiográficas e ultrassonográficas, além de análise de líquido sinovial. A incidência de artrite séptica em articulação escapulo-umeral é baixa sendo muitas vezes sub diagnosticada pelos médicos veterinários devido a inexistência de sinais clínicos específicos desta patologia, sendo importante relatar os casos nesta articulação para expandir e compartilhar os meios de diagnóstico e tratamentos utilizados, além de relatar o caso.

Palavras-chave: Diagnóstico por imagem; Locomotor; Potro; Radiologia, Lavagem articular, Ultrassonografia, Ombro.

39. HEMORRAGIA CRÔNICA APÓS PROCEDIMENTO DE ORQUIECTOMIABASSETTI, Flavia Santana¹; XAVIER, João Vitor¹; COUTINHO, Elias Venancio¹; PEREIRA, Lucas Pedro¹; BENEDITO, Pamela de Oliveira¹; LAMOGLIA JUNIOR, Ricardo de Carvalho¹; KÜHL, Gabriela de Souza²; SANTOS, Priscila Aparecida²; MOTA, Wagner Aparecido de Oliveira²; MARTINS; Alex Eduardo Alves³¹Graduando (a) de Medicina Veterinária FESB; ²Médico (a) Veterinário (a) Aprimorando (a) em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais HVET – FESB; ³Médico Veterinário clínico-cirurgião responsável pelo setor de Grandes Animais do HVET – FESB

A orquiectomia é um procedimento onde ocorre a ablação dos testículos onde conseqüentemente ocorre a interrupção da produção dos hormônios sexuais masculinos, podendo ocasionar algumas complicações pós operatórias como hemorragia, edema, infecção e peritonite. Os casos de hemorragia geralmente ocorrem por traumatismo, onde os vasos sanguíneos se rompem e há escoamento do sangue. O significado da perda de sangue depende da natureza aguda ou crônica da hemorragia e quantidade de sangue perdida, sendo assim, o procedimento errôneo da orquiectomia pode levar a perda sanguínea aguda tendo como conseqüência choque hipovolêmico e em casos crônicos anemia. Um equino, macho, sem raça definida, pelagem baia, com 7 anos de idade, 420 kg, chegou ao Hospital Veterinário Bernardo Aronovich HVET – FESB, no mês Abril de 2018, com quadro hemorrágico grave, decorrente do procedimento de orquiectomia. Na anamnese o tutor relatou que não foi administrado nenhum medicamento na propriedade. Quando submetido ao exame físico foram obtidos os seguintes parâmetros: taquicardia, taquinéia, normotermia, tempo de preenchimento capilar normal, pulso digital negativo, mucosa pálida com fundo ictérico, hipomotilidade em todos os quadrantes. O animal apresentava sangramento contínuo na região da bolsa escrotal esquerda. O exame complementar revelou hematócrito 29% e proteína plasmática total 6,2. O tratamento preconizado foi Tridiazin® Pasta, Flunixin Meglumine®, Maxican®, Transamin®,

aspersão local com uma solução com adrenalina, compressas com Iodopolvidina e solução formalina a 5% IV. O animal retornou a propriedade quatro dias após a estabilização do quadro, continuando o tratamento até a total cicatrização. Um quadro hemorrágico que se estenda por um longo período, pode levar ao choque hipovolêmico que caracteriza-se por taquicardia, taquipnéia, hipotermia, mucosas pálidas, tempo de preenchimento capilar prolongado, extremidades frias e fraqueza muscular. Com a hemorragia há queda na pressão arterial e o organismo ativa alguns mecanismos compensatórios vasoconstritores para redirecionar o sangue da periferia para órgãos vitais. A pressão arterial é resultado da resistência vascular periférica e o débito cardíaco, então para compensar ocorre um aumento na frequência cardíaca e vasoconstrição, justificando a taquicardia e mucosa pálida ao exame físico. A primeira evidência hematológica de perda sanguínea aguda em um equino é a queda da proteína plasmática total, no presente relato a proteína plasmática total era 6,2 g/dl, o que está dentro do valor de referência que é de 5,8 á 8,7 g/dl. O presente trabalho revela que a ação rápida para a cessação do sangramento é de extrema importância, junto a utilização adequada de medicamentos que promovam a vasoconstrição a fim de evitar o choque hipovolêmico. O tratamento mostrou-se eficaz, pois houve recuperação eficiente sem necessidade da utilização de transfusão sanguínea.

Palavras-chave: Orquiectomia; Hemorragia; Equino

40. INDUTORES DE OVULAÇÃO EM ÉGUAS

OLIVEIRA, Carla Amanda¹; NEGRO, Maria Raquel de Godoy Oriani Costa²; OLIVEIRA, Bruna Marcele Martins²

¹Graduando de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A indústria equina está em constante desenvolvimento e utilizando cada vez mais novas biotécnicas da reprodução, com intuito de aumentar os ganhos de produção. Para aumentar esses ganhos, o aproveitamento dos cios para a produção de potros é fundamental. No entanto, prever o momento exato da ovulação na espécie equina, é uma das limitações para que as taxas de prenhez sejam mais satisfatórias, já que existe variação do intervalo entre o início do estro e o momento da ovulação neste espécie. Por conta disso, em conjunto com a palpação e a ultrassonografia transretal, tem se tornado frequente o uso de hormonioterapia para indução de ovulação, pois essa ferramenta permite que o médico veterinário consiga prever o momento que ocorrerá a ovulação de acordo como o fármaco (indutor) utilizado e, dessa maneira, tenha maior controle sobre este momento, o que auxilia no aumento das taxas de concepção e na diminuição da mão de obra. Na indústria equina existem várias opções disponíveis para indução de ovulação, sendo que as drogas utilizadas com maior frequência são a Gonadotrofina Coriônica humana (hCG) e seus análogos (Deslorelina, Lecilerina). Entretanto outros agentes indutores de ovulação como kisspeptina (hormônio/neuropeptídeo), extrato de pituitária equina (EPE), cadeia simples de LH equino recombinante (reLH), Gonadotrofina Coriônica equina (eCG) também são descritos na literatura. Embora existam relatos do emprego de agentes indutores de ovulação há aproximadamente cinco décadas, ainda é comum a ocorrência de erros na administração e isso compromete os resultados, causando prejuízos. Por isso é fundamental o desenvolvimento de trabalhos para incrementar o conhecimento a respeito desses protocolos.

Palavras-chave: Éguas, hCG e análogos, eCG

41. ISOERITRÓLISE NEONATAL EM MUARES

LATTANZI, Rita de Cássia¹; SANTOS, Priscila Aparecida²; MARTINS, Alex³; MORENO, João Donizete⁴

¹Graduando (a) de Medicina Veterinária FESB; ²Médico (a) Veterinário (a) Aprimorando (a) em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais HVET – FESB; ³Médico Veterinário clínico-cirurgião responsável pelo setor de Grandes Animais do HVET – FESB; ⁴ Médico Veterinário Autônomo

A isoeritrólise neonatal, também conhecida como anemia hemolítica do recém-nascido, é um distúrbio hemolítico isoimuno decorrente a incompatibilidade sanguínea entre mãe e filhote. Nesse distúrbio os componentes imunes, produzidos pela mãe, se ligam diretamente ou indiretamente na membrana eritrocitária do filhote, induzindo a retirada dos eritrócitos pelo sistema monocítico fagocitário. É uma enfermidade que pode acontecer em potros nascidos de éguas sensibilizadas por transfusão sanguínea e repetidas gestações nas quais ocorreram hemorragia placentária. Essa sensibilização materna geralmente é mínima na primeira gestação, porém, casos repetidos de gestação com exposição do mesmo antígeno levam a maior estímulo da resposta materna. Em muares, devido a grande diferença antigênica entre progenitores, cerca de 8% a 10% dos filhotes podem ser acometidos. Em cavalos a prevalência é 1% a 2%. É uma doença que possui sinais clínicos bastante característicos, devido a isso, deve-se ficar atento ao comportamento e os sinais do neonato. O prognóstico depende da quantidade e atividade das imunoglobulinas absorvidas pelo epitélio intestinal. Foram atendidos no Hospital Veterinário Dr. Bernardo Aranovich, em Bragança Paulista, dois muares com a mesma paternidade, sendo uma fêmea, com 24 horas de vida, que após a ingestão do colostro começou a apresentar fraqueza, palidez de mucosas e hematúria, e um macho com 96 horas de vida que apresentava, como sinais mais marcantes hematúria, mucosas ictéricas e apatia, sinais compatíveis com isoeritrólise. Em ambos casos realizou-se o teste de hemólise padrão no qual foi observado hemólise, confirmando a ocorrência deste distúrbio. Os animais foram a óbito horas após o atendimento.

Palavras-chave: Isoeritrólise; Muares; Atendimento.

42. LINFANGITE BACTERIANA CRÔNICA EM MEMBRO POSTERIOR ESQUERDO

PEREIRA, Lucas Pedro¹, BENEDITO, Pamela de Oliveira¹, COUTINHO, Elias Venancio¹, BASSETTI, Flavia Santana¹, XAVIER, João Vitor¹, LAMOGLIA JUNIOR, Ricardo de Carvalho¹, KÜHL, Gabriela de Souza², SANTOS, Priscila Aparecida², MOTA, Wagner Aparecida de Oliveira², MARTINS, Alex Eduardo Alves³

¹Graduando (a) de Medicina Veterinária FESB; ²Médico (a) Veterinário (a) Aprimorando (a) em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais HVET – FESB; ³Médico Veterinário clínico-cirurgião responsável pelo setor de Grandes Animais do HVET – FESB

A Linfangite é um processo inflamatório que acomete progressivamente os vasos linfáticos dos membros, sendo decorrentes da ação de microrganismos, como bactérias e fungos, onde os vasos linfáticos, e ocorrendo complicações e seqüelas pela alteração na linfodinâmica, resultando, em edema generalizado geralmente dos membros posteriores. Um equino, macho, raça Zangersheid, com 15 anos de idade, pesando 570 kg, com linfangite crônica, foi atendido no Hospital veterinário Dr. Bernardo Aronovich – HVET FESB, Bragança Paulista, em março de 2018, como queixa

principal de aumento de volume no membro posterior esquerdo (MPE) e sem presença de lesão. Nos exames físicos realizados durante o período de internação não constatou-se nem uma alteração clínica, porém apresentou o MPE bem edemaciado com claudicação grau 3. O animal foi submetido a alguns exames complementares, mais nada dignos de nota devido a tratamento inicial na propriedade. O período de permanência no HEV foi de 15 dias, onde o tratamento preconizado foi a base de Nuflor® injetável e tratamentos locais como crioterapia, hidroterapia e massagem com pomada a base de Furanil® + Dexametasona® + DMSO® para auxiliar na drenagem. Breve a antecipação da alta, notou-se uma melhora clínica no membro do animal. O acúmulo excessivo de líquido nos espaços intersticiais, aumento da temperatura cutânea, sensibilidade ao toque, godê positivo, graus diferentes de claudicação que variam de acordo com a extensão da linfangite, levam ao desequilíbrio entre as taxas de filtração de líquido dos capilares e a drenagem linfática. Segundo o presente relato, pode-se perceber a eficácia da associação da antibioticoterapia injetável com a terapia local.

Palavras-chave: Equino; Linfangite bacteriana; Claudicação

43. PERITONITE EM EQUINOS: RELATO DE CASO

ARANTES, Gabriel Vinicius Rios¹; MARTINS, Alex Eduardo Alves²; WOLF, Verena Hildegard Gyárfás³

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Médico Veterinário Especialista HVET-FESB; ³ Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

O peritônio é uma única camada de células mesoteliais que revestem a cavidade abdominal, secretando substâncias para a lubrificação das vísceras evitando aderências entre as suas superfícies. Atua como uma barreira semipermeável e apresenta pequenas ações antibacterianas. Porém, quando há uma inflamação do peritônio ocorre uma descamação e transformação dessas células por estímulos diversos. A peritonite pode ser física, química ou bacteriana, mas normalmente ocorre por contaminação bacteriana através de rupturas dos órgãos adjacentes, como intestino, bexiga e útero, sendo que a principal causa dessa afecção está relacionada a contaminações da cavidade abdominal por fezes. Podemos classificar as causas de peritonite como: iatrogênicas, traumáticas, acidente vascular e contaminação, e classificamos também como aguda ou crônica, dependendo do se sua evolução. O início da reação inflamatória se dá pela marginalização para migração de neutrófilos, liberação de mediadores solúveis da inflamação, catecolaminas, com posterior formação de exsudato, depósito de fibrina e proteínas na cavidade peritoneal. A fibrina é a principal responsável pelas aderências nos equinos, e o principal agravo da peritonite é a endotoxemia, que ocorre devido à toxemia gerada pelas bactérias gram negativas. O diagnóstico é complicado, uma vez que o animal apresenta poucos sinais clínicos específicos; o que podemos observar são sinais comuns de cólica, como: olhar para o flanco, cavar, escoicear o abdômen, deitar, sudorese intensa, diminuição dos borborigmos na auscultação intestinal e aumento de frequência cardíaca e respiratória. É possível também observar alguns sinais clínicos de endotoxemia, como: mucosas congestionadas com halos cianóticos e hipertermia. Na palpação retal normalmente o animal apresenta dor devido as aderências. Já os achados clinicopatológicos variam de acordo com o período de evolução e grau de comprometimento da função do peritônio, sendo que a leucopenia, azotemia, aumento de hematócrito, desequilíbrios eletrolíticos são mais relatados, também pode-se observar hiperfibrinogenemia, hiperproteinemia e hiperglobulinemia. Entretanto o exame complementar mais eficiente como diagnóstico é a análise do líquido peritoneal, onde encontra-se leucócitos acima de

100.000/ul, proteínas em níveis superiores a 2,5 g/dl, fibrinogênio superior a 10 mg/dL. Na avaliação citológica, um aumento significativo das células é observado, além de alterações morfológicas indicativas de inflamação. O exame microbiológico do líquido peritoneal é altamente recomendado. Para o sucesso no tratamento é necessário que ocorra uma intervenção medicamentosa rápida e agressiva, a fim de evitar o choque séptico, endotóxico ou hipovolêmico. A utilização de antimicrobianos de amplo espectro, anti-inflamatórios não esteroidais, anti-toxicêmicos, e fluidoterapia de suporte para correção dos desequilíbrios hidroeletrólíticos fazem parte da maioria dos protocolos. Também se indica a lavagem e drenagem da cavidade peritoneal, que são realizadas através de drenos, com soluções isotônicas aquecidas.

Palavras-chave: Cavalos, Peritônio, Inflamação, Cavidade abdominal, Cólica

44. PREVALÊNCIA DE HELMINTOS EM EQUINOS DE CRIAÇÃO EXTENSIVA E SEMI- EXTENSIVA, DA ZONA RURAL, NO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA PAULISTA

LATTANZI, Rita de Cássia¹; MARCELINO, Gustavo Allas de Almeida¹; NARDI, Ana Rita Moraes³.

¹Graduando (a) de Medicina FESB; ² Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

A equideocultura tem grande importância na economia brasileira. Estima-se que o Brasil possua um rebanho de, em média, 5,5 milhões de equinos, sendo que 1.320.259 encontram-se na região Sudeste. Muitas enfermidades podem comprometer o desenvolvimento e rendimento dos equinos, dentre elas as parasitoses intestinais. Os helmintos do trato gastrointestinal apresentam graus de infecção variáveis, o que pode gerar alguns sinais clínicos. O presente trabalho teve como objetivo identificar através da técnica de contagem de ovos por grama de fezes (OPG), quais helmintos são mais comumente encontrados em equinos, de criação extensiva e semi-extensiva, da zona rural de Bragança Paulista. Foram avaliadas fezes de 133 equinos, cujas amostras foram colhidas diretamente da ampola retal, em 19 bairros e realizada a contagem de ovos por grama de fezes (OPG) pelo método de McMaster. Como resultado notou-se que 28,57% (38/133) dos animais não apresentavam infecção por helmintos, 69,17% (92/133) estavam infectados por helmintos pertencentes à família strongylidae, 1,5% (2/133) por *Parascaris* e 0,75% (1/133) por helmintos do gênero *Oxyuris*. Quanto ao grau de infecção, 40% (38/95) apresentaram infecção grave (contagem maior que 500 ovos por grama de fezes), 24,21% (23/95) infecção moderada (300-499 ovos por grama de fezes) e 35,78% (34/95) infecção leve (1-299 ovos por grama de fezes). De todos os animais avaliados, 20,30% (27/133) foram desverminados até um mês antes da coleta, 37,59% (50/133) entre 1 a 3 meses, 31,57% (42/133) entre 3-6 meses e não se obteve informações de 10,52% (14/133) dos cavalos avaliados nesta pesquisa. De todos os animais que foram desverminados até um mês até da coleta, 40,74% (11/27) não apresentaram infecção, 33,33% (9/27) apresentaram infecção leve, 14,81% (4/27) estavam com infecção moderada e 11,11% (3/27) infecção grave. Dos 50 equinos desverminados entre um a três meses, 30% (15/50) não estavam infectados por ovos de helmintos, 32% (16/50) estavam com infecção leve, 14% (7/50) moderada e 24% (12/50) grave. Quanto aos animais desverminados entre três e seis meses, 21,42% (9/42) não estavam infectados, 16,66% (7/42) estavam com infecção leve, 21,42% (9/42) moderada e 40,47% (17/42) grave. Ao analisar a média de cada bairro, notou-se que 31,57% (6/19) apresentaram grau de infecção leve, 36,84% (7/19) apresentaram infecção moderada e 31,57% (6/19) foram classificados como grau grave de infecção. Conclui-se, portanto, que helmintos da família strongylidae são mais comumente encontrados em equinos da zona rural de Bragança e que houve relação entre o tempo desverminação e grau de

infecção, já que quanto menor o tempo entre a desverminação e a coleta, menos equinos apresentaram infecção de moderada a grave.

Palavras-chave: Prevalência; Helmintos; Bragança-Paulista; Equinos;

45. PÚRPURA HEMORRÁGICA DECORRENTE DE INFECÇÕES BACTERIANAS

MAURÍCIO, Rafael Carajoinas¹; NEGRO, Maria Raquel de Godoy Costa²; WOLF, Verena Hildegard Gyárfás²

¹Graduando de Medicina Veterinária FESB; ²Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

Os estreptococos formam um grupo de bactérias que residem no trato respiratório superior de equinos, é um microrganismo oportunista o qual pode desencadear infecções supurativas. Coco gram positivo em cadeias, anaeróbias facultativas, catalase negativos, fastidiosos, são geralmente hemolíticos e imóveis. Comensais de membrana mucosa são piogênicos e assim estão associados aos abscessos, outras condições supurativas e a septicemias. Fatores de virulência incluem enzimas e exotoxinas, como estreptolisinas, hialuronidase, DNase, NADase, estreptoquinase e proteases. Cápsulas polissacarídicas, é o maior fator de virulência de algumas linhagens de *Streptococcus equi*, subsp. *equi*, são antifagocitárias, pois possuem proteína M. O *Corynebacterium pseudotuberculosis*, é um parasita intracelular facultativo, suas células variam de cocóides a filamentosas, são não-álcool-ácido-resistentes, não encapsuladas e muitas vezes contem grânulos, sua parede possuem concentração elevada de lipídios que torna as células hidrofóbicas e podem contribuir para sua sobrevivência dentro de fagócitos e leucotoxicidade. É uma exotoxina com atividade de fosfolipase D, potencializa a atividade hemolítica dos fatores do *R. equi*. O agente é catalase-positivo e anaeróbio facultativo, sua virulência esta atribuída à exotoxina e aos lipídios de sua parede celular. Após infecção, formam-se abscessos de aspecto caseosos na região abdominal caudal de equinos e músculos do tórax, estas lesões sempre apresentam o *C. pseudotuberculosis* integro, seu mecanismo de infecção não é conhecido, mas acredita-se na participação de um artrópode como vetor. O quadro clínico da adenite equina, conhecido como garrotilho, causado pelo *Streptococcus equi*, subsp. *equi*, tem maior prevalência nos animais jovens com até cinco anos de idade. O agente causal se fixa nas células epiteliais da mucosa nasal e bucal e invade a mucosa nasofaríngea, causando faringite e rinite. Se o hospedeiro não for capaz de conter esse processo, o agente invade a mucosa do tecido linfático. Os sinais clínicos são hipertermia, prostração e corrimento nasal purulento uni ou bilateral. Após duas a quatro semanas de infecção aguda, os equinos podem desenvolver urticária, consequentemente edema subcutâneo grave, envolvendo principalmente os membros pélvicos e posteriormente petéquias e sufusões na mucosa e tecido subcutâneo e vísceras. Podem ser encontrados na circulação sanguínea de animais acometidos imunocomplexos contendo a proteína R ou M (antígenos), esses resultam em vasculite aguda, bem como um tipo de GNMP tipo 1, desencadeando azotúria e proteinúria. Como o *Streptococcus equi*, subsp. *equi*, o *Corynebacterium pseudotuberculosis* também está associado a quadros similares, mas sua detecção é bem menos relatada. Sendo assim, a purpura hemorrágica é uma doença que sucede infecções do trato respiratório superior dos equinos. É uma doença imunomediada onde ocorre a deposição de imunocomplexos, ou seja, é uma reação de hipersensibilidade do tipo III. O diagnóstico se baseia no quadro e na história de infecção prévia do trato respiratório superior. O tratamento é realizado com o intuito de reduzir a inflamação dos vasos sanguíneos envolvendo a atenuação da resposta imunológica e a remoção da fonte de estímulo antigênico. Este pode ser feito com corticosteroides,

antiinflamatórios não-esteroidais na intenção de reduzir a inflamação e disponibilizar analgesia, além de antibioticoterapia com penicilina e os abscessos devem ser tratados cirurgicamente.

Palavras-chave: Doença imunomediada; Cavalos; Petéquias; Epistaxe; Adenite equina; Vasculite aguda

46. RELATO DE CASO: REAÇÃO A PLASMAFERESE EM EQUINOS

COUTINHO, Elias Venancio¹; LAMOGLIA JUNIOR, Ricardo de Carvalho¹; BASSETTI, Flavia Santana¹; XAVIER, João Vitor¹; PEREIRA, Lucas Pedro¹; BENEDITO, Pamela de Oliveira¹; KÜHL, Gabriela de Souza²; SANTOS, Priscila Aparecida²; MOTA, Wagner Aparecido de Oliveira²; MARTINS; Alex Eduardo Alves³

¹Graduando (a) de Medicina Veterinária FESB; ²Médico (a) Veterinário (a) Aprimorando (a) em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais HVET – FESB; ³Médico Veterinário clínico-cirurgião responsável pelo setor de Grandes Animais do HVET – FESB

A transferência de plasma também conhecida como plasmaferese vem sendo realizada freqüentemente na medicina veterinária, procedimento no qual consiste na coleta de sangue total de um animal da mesma espécie, de preferência mais jovem, através de uma bolsa de transfusão de sangue contendo anticoagulante, para separação da parte vermelha. Égua da raça mangalarga, 2,5 anos, pesando 350 kg, foi encaminhada ao hospital veterinário Dr. Bernardo Aronovich- HVET FESB em abril de 2018, com a queixa principal de diarreia. Na avaliação clínica o animal apresentava os parâmetros físicos dentro da normalidade, porém, com fezes líquidas e leve desidratação. Nos exames laboratoriais foi constatada hipoproteinemia de 4,8 g/dL, optou-se pela realização da transfusão de plasma fresco. Para tal procedimento realizada a coleta de sangue de um doador hígido, através de uma bolsa de transfusão de 6 litros com bolsa satélites para separação do plasma. Pouco tempo após se iniciar o procedimento de transfusão do plasma, foi notado o aparecimento de pápulas pelo corpo do animal. Dessa forma a transfusão foi interrompida imediatamente, onde foi administrado 20 ml de dexametasona, 2 frascos de 500mg de succinato sódico de hidrocortisona e fluidoterapia à base de ringer lactato, na intenção de reversão do quadro clínico de choque anafilático. A hipoproteinemia em casos de diarreia é uma das complicações mais comuns em equinos, devido à diminuição da área de absorção intestinal e pela diminuição da disponibilidade de aminoácidos para transporte de proteínas. Segundo o presente trabalho, pode-se perceber a importância da transfusão de plasma em equinos quando é constatado hipoproteinemia no animal. Há grande importância de fazer o teste de reação cruzada antes da realização da transfusão para que haja uma menor chance de reações anafiláticas durante o processo, pois através desse procedimento será constatado se há ou não aglutinação entre as amostras do doador e do equino que receberá a transfusão.

Palavras - chave: Equino; Plasmaferese; Reação

47. SÍNDROME CÓLICA E SUA RELAÇÃO COM O MANEJO NUTRICIONAL

SILVA, Ana Paula Rocha Ribeiro¹; BORGHESAN, Alexandre Corrêa²; BORDIN, Roberto Andrade³

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB; ³Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

A síndrome cólica é o desconforto abdominal provindo de condições patológicas no trato gastrointestinal dos equinos. Sendo rara em animais que vivem em seu habitat natural, está entre as enfermidades que mais afetam equinos domesticados e que tem como uma de suas principais causas fatores nutricionais. Por se tratar de um animal herbívoro a base de sua alimentação são as forragens, tendo poucas ocorrências de afecções gastrointestinais se o alimento selecionado for de boa qualidade e fornecido da maneira correta. Os alimentos podem estar diretamente ligados a estas causas, sendo eles volumosos, como o feno de alfafa, ou concentrados, como milho, aveia, sorgo e soja. Devido ao grande número de casos de cólica que incluem estes fatores, objetivou-se a revisão do conceito geral da enfermidade, envolvendo a relação com a fisiologia e anatomia intestinal do cavalo e a apresentação dos principais alimentos que fazem parte da dieta e seus riscos. Com a adoção de medidas preventivas e aplicando o manejo alimentar correto, é possível diminuir os riscos de alteração na fisiologia do animal, evitando a cólica nos equinos por fatores nutricionais.

Palavras-chave: Nutrição; Síndrome Cólica; Equinos

48. TROMBOFLEBITE JUGULAR EM EQUINOS

BERTHOLDO, Nathalia¹; BORGHESAN, Alexandre Corrêa²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A tromboflebite jugular equina (TJE) é caracterizada pela formação do trombo, uma massa sólida sanguínea no interior dos vasos, em consequência da agregação de plaquetas e a associação da inflamação da parede do endotélio. Três fatores podem atuar na formação do trombo, conhecidos como *Tríade Virchow*, sendo eles: lesão endotelial, estase ou turbulência sanguínea e hipercoagulabilidade do sangue. Essa patogenia tem origem iatrogênica, secundária à administração intravenosa incorreta de medicamentos, uso de volume excessivo de drogas ou de efeito irritantes ao endotélio, punções repetidas, utilização de material inadequado, não realização de antisepsia adequada, dentre outros. Em consequência à resposta inflamatória o animal pode vir a apresentar diversas manifestações clínicas de maneira unilateral ou bilateral. Em casos da TJE unilateral os sinais clínicos observados são: aumento de temperatura, edema e dor no local afetado, não sendo observadas alterações nos parâmetros clínicos. Na TJE bilateral se observa edema de tecidos adjacentes, dificuldade do retorno venoso, estase sanguínea, edema de cabeça, língua, faringe e laringe, dispneia e disfagia, podendo levar o animal a morte. O diagnóstico pode ser realizado através da anamnese, com histórico de administração medicamentosa ou punções venosas e sinais clínicos. Também são úteis como meios diagnósticos a ultrassonografia, efetuada na porção cefalo-torácica nas seções transversais e longitudinais, permitindo a visualização do trombo, e a venografia contrastada, executada através de um aparelho radiográfico portátil, utilizada na projeção latero-lateral e aplicação do contraste, na qual se concede uma visualização bem evidenciada da parede do endotélio e do trombo ali formado. O tratamento consiste na remoção das causas primárias, como retirada de cateter; na utilização de medicamentos como a heparina, que possui ação anticoagulante; anti-inflamatórios não esteroides, tratando a inflamação local; antibióticos em casos de TJE séptica com envolvimento bacteriano; ducha para diminuição do edema. Possui um prognóstico de bom a reservado.

Palavras-chave: Veia jugular equina; Trombo; Processo inflamatório

ANIMAIS DE PRODUÇÃO**49. ALTERNATIVAS PARA A DOSAGEM DE ESTRÓGENO E PROGESTERONA EM FÊMEAS BOVINAS NO BRASIL**PINHEIRO, Luana Teles¹; OLIVEIRA, Bruna Marcela Martins²¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

As dosagens de hormônios esteroides em fêmeas bovinas tem o propósito de compreender as fases do ciclo reprodutivo, elucidar parâmetros da endocrinologia da espécie, avaliar a concentração desses hormônios bem como responder dúvidas a respeito de novas pesquisas. Atualmente, as metodologias aplicadas à dosagem hormonal são distintas e, apesar de haver algumas alternativas no país, as técnicas ainda precisam passar por padronizações para que os resultados sejam mais específicos e precisos. A falta de padronização dos testes no Brasil, são um dos impasses para a dosagem de hormônios esteroides e, com isso, é frequente a necessidade da realização destes testes em países estrangeiros. No entanto, para realização das técnicas é necessário que amostras biológicas sejam enviadas à estes países e assim, encontra-se o entrave da barreira sanitária, devido a algumas doenças erradicadas no exterior que ainda acometem os bovinos no Brasil. Desta forma, os pesquisadores encontram dificuldade para a realização destes testes e, por este motivo, estudos que elucidem as alternativas para as dosagens destes hormônios dentro do território nacional são fundamentais. De acordo com a literatura, para a dosagem dos esteroides sexuais, são adotadas diversas técnicas, como imunoensaios (IE), radioimunoensaio (RIE), enzima-imunoensaio (EIE), e quimioluminescência. Outra alternativa empregada é a realização do método da Tecnologia xMAP-Multiplex®, que foi desenvolvida pela empresa Luminex®, que consiste na coloração internamente de microsferas magnéticas, através de três corantes fluorescentes. Este trabalho tem como objetivo elucidar as alternativas para a dosagem destes hormônios em território nacional, bem como descrever as vantagens e desvantagens de cada um destes testes, para auxiliar a comunidade científica a encontrar a técnica que melhor atende as necessidades dos profissionais.

Palavras-chave: Reprodução; Hormônios esteroides; Imunoensaios**50. AVALIAÇÃO DE ÍNDICES DE CONFORTO TÉRMICO EM CASINHA TROPICAL PARA BEZERROS COM DIFERENTES COBERTURAS**BASSETTI, Flávia Santana¹; LIMA, Beatriz Silva¹; ZAGO, Beatriz Augusto¹; HADA, Fabricio Hirota²¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

Em uma instalação a cobertura pode exercer grande influência no ambiente térmico oferecido aos animais, pois as telhas absorvem parte da radiação solar irradiante e transmitem para o interior das edificações. O tipo de material utilizado na construção da cobertura determinará a quantidade de radiação que passará para o interior das instalações, contribuindo para o aumento da temperatura e consequentemente com o estresse por calor. O projeto foi realizado na fazenda escola da FESB, com o objetivo de avaliar o efeito de diferentes tipos de coberturas em casinha tropical para bezerros sobre os índices de conforto térmico. Três abrigos foram construídos de acordo com o modelo preconizado pela Embrapa Pecuária Sudeste. Os tratamentos foram definidos pelos materiais

utilizados como cobertura das casinhas: T1 - telhas de fibrocimento; T2 - telhas de fibrocimento com pintura externa branca e T3 - telhas de barro. O período experimental foi constituído de 7 dias de coleta de dados, nos horários das 8h, 11h, 14h e 17h, e para avaliação da eficiência das telhas foram avaliados a carga térmica radiante (CTR), o índice de temperatura de globo e umidade (ITGU), a temperatura externa e interna das telhas (°C). As variáveis foram analisadas pelo programa SAS 9.0, utilizando-se um delineamento em parcelas subdivididas, sendo utilizado os tratamentos como parcelas principais e os horários de coleta como subparcelas. Para a comparação das médias utilizou-se o teste de Tukey a 5% de probabilidade. Não se observou diferença significativa entre os tratamentos estudados. Os valores médios para temperatura interna na telha de fibrocimento foi de 29,68°C, na telha de fibrocimento pintada de branco foi de 27,31°C já na telha de barro foi de 28,28°C. Para a temperatura externa, a telha de fibrocimento apresentou temperatura de 29,78°C, a telha de fibrocimento branco 27,22°C e a telha de barro 29,46°C. Quanto a CTR, os valores foram de 525,37, 520,36 e 503,48 W/m² respectivamente para a telha de fibrocimento, fibrocimento pintada de branco e barro. Já o ITGU na telha de fibrocimento foi de 80,28°C, na fibrocimento branco 81,14°C e a telha de barro 80,49°C. Pelos resultados pode-se concluir que nas condições do presente experimento, as telhas de fibrocimento, barro e fibrocimento pintada de branco tem o mesmo efeito sobre os índices de conforto térmico.

Palavras-chave: Casinha Tropical; Conforto Térmico; Telhas

51. BEM-ESTAR ANIMAL NA AVICULTURA DE CORTE

LEME, Fernanda de Souza¹; BRUNHEROTTO, Rogério²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A partir da metade do século XX, muitas transformações ocorreram no setor de produção animal. As pressões do mercado quanto ao aumento da produtividade e os avanços tecnológicos levaram os produtores a adotar práticas para maximizar a produção no menor tempo possível e com redução do espaço físico. Esse modelo não tardou a ser questionado e logo surgiram denúncias a respeito das péssimas condições de vida a que os animais eram submetidos. Desde então, a sociedade vem demonstrando uma crescente preocupação quanto à forma pela qual são tratados os animais de produção, reivindicando dos produtores a adoção de medidas que garantam o bem-estar animal baseadas em valores éticos e de respeito aos animais e, cada vez mais, interfere na escolha dos produtos adquiridos pelos consumidores, principalmente em países desenvolvidos. No Brasil, a preocupação com o bem-estar animal vem crescendo nos últimos anos. Sendo assim é necessário considerar uma avicultura preocupada com as construções e equipamentos a serem utilizados, com a escolha de materiais genéticos adequados, com métodos de criação, medidas de higiene e vacinação, enfim, com uma criação que considere o bem-estar, evitando que os animais, durante a criação e o manejo pré-abate tenham problemas como: morte, hematomas, dor crônica, ossos quebrados, lesão de pele, exaustão metabólica, desidratação, estresse psicológico e estresse térmico. É nesse contexto que a presença do médico veterinário na avícola torna-se fundamental, uma vez que esse é o profissional que possui os conhecimentos científicos necessários para planejar, adotar e fiscalizar os procedimentos relativos ao bem-estar animal, além de promover o treinamento e a capacitação das pessoas envolvidas no trato com os animais.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Cinco Liberdades; Avicultura de Corte; Medicina Veterinária

52. BEM-ESTAR NO PRÉ-ABATE DE SUÍNOS.BERLT, Flávio Lopes¹; BRUNHEROTTO, Rogério²¹Graduando de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A carne suína está entre uma das mais consumidas no mundo e o mercado consumidor vem se tornando cada vez mais exigente quanto à origem e a qualidade dos produtos a serem consumidos. Baseados nisto, os sistemas de produção de suínos passaram a se adequar e especializar com destaque ao bem-estar animal, já que o manejo pré-abate é uma etapa importante na cadeia produtiva de suinocultura, influenciando diretamente na qualidade do produto final. Para que o bem-estar ocorra de maneira correta, é importante a relação com a ambiência e a funcionalidade das instalações, o manejo adequado nas granjas, alimentação, transporte e no abate. Garantindo estas condições, os suínos tornam-se aptos a alcançar de maneira adequada os indicadores técnicos de qualidade, sem que haja sofrimento. Além da busca pela qualidade, os consumidores prezam por produtos que não prejudiquem o meio ambiente, fazendo com que os produtores invistam em técnicas e métodos modernos. A realização adequada destas etapas envolve toda a cadeia produtiva; do produtor ao médico veterinário, da granja à agroindústria e os transportadores, agregando valor ao produto final e buscando satisfazer cada vez melhor os consumidores.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Manejo pré-abate; Suínos; Produto Final**53. INFLUÊNCIA DO ESTRESSE TÉRMICO POR CALOR EM FRANGOS DE CORTE**BORIM, Edilene Aparecida Bacci¹; HADA, Fabricio Hiroda²¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

Avicultura brasileira é considerada uma área de grande importância econômica para o país, e vem atingindo bons resultados e ganhando cada vez mais espaço no mercado internacional. A produção brasileira de carne de frango em 2016 totalizou 12,90 milhões de toneladas, sendo que 66% da produção foi destinada ao mercado interno e 37% foi exportado. Segundo os dados do relatório anual de 2017 da Associação brasileira de proteína animal (ABPA), o Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo e o segundo maior produtor, mas o país vem buscando cada vez mais a excelência na tecnificação e qualificação de equipamentos e mão de obra, afim de obter maior ganho na produtividade e conquistar novos mercados. Em decorrência ao crescimento a produtividade brasileira vem melhorando ao logo dos anos, sendo resultado direto dos avanços obtidos na área do melhoramento genético, nutrição, manejo e ambiência. Devido ao Brasil ser um país tropical e possuir diversas regiões com médias altas de temperatura, o estresse por calor é considerado um problema frequente e um dos principais fatores limitantes nos sistemas de criação. Este estresse é resultado da incapacidade do animal em dissipar calor suficiente para manter a sua homeotermia, sendo necessário que os sistemas sejam desenvolvidos para atender as exigências de conforto térmico em todas as fases da vida das aves confinadas. A zona de conforto térmico é a amplitude de variação de temperatura ambiente dentro da qual a taxa metabólica é mínima e a homeotermia é mantida com menor gasto energético. Portanto, prover um ambiente com temperatura do ar adequada para os frangos, maximiza a energia líquida disponível para a produção e, conseqüentemente, melhora os índices zootécnicos do lote. Nesse sentido, as variáveis ambientais podem ter efeitos positivos e negativos sobre a produção de aves. Sabe-se que a exposição dos frangos de corte ao

calor acarreta em significativa piora nos índices zootécnicos, como por exemplo, redução da ingestão de ração, menor ganho de peso, piora na conversão alimentar. Esses efeitos são consequência dos mecanismos fisiológicos de termorregulação, no qual as aves buscam adaptar-se aos efeitos do calor que as mesmas estão submetidas, nessas condições a ave irá gastar energia para tentar dissipar esse calor. O corpo das aves produz calor de um modo contínuo, a quantidade do calor produzido pode estar relacionada com o tamanho do corpo, taxa de crescimento, empenamento e temperatura ambiente. Aves de corte são sensíveis às temperaturas variáveis (tanto muito baixas quanto muito altas) as quais comprometem de forma negativa no desenvolvimento dessas aves. Já em uma ambiência favorável, serão amenizados os efeitos calóricos e conseqüentemente obtém-se um maior índice produtivo e menor índice de injúria e perdas por mortalidade dessas aves. O estresse térmico aumenta a ocorrência de patologia, ou seja, desenvolvimento das doenças metabólicas podendo levar à alta mortalidade. A busca do conhecimento técnico, das boas práticas de manejo, como controle da temperatura ambiental, umidade relativa do ar, velocidade do ar no interior do galpão, características físicas das instalações, proporcionam uma ambiência adequada e conseqüentemente favorece as condições térmicas para as aves, promovendo o bem-estar e melhorando o desempenho. Com base nessas informações, observa-se a suma importância de aprimorar o entendimento do mecanismo da termorregulação e do estresse por calor nas aves, sendo o último atualmente considerado um dos fatores mais limitantes na produção avícola.

Palavras-chave: Avicultura; Calor; Conforto térmico

54. MANEJO PRÉ-ABATE DE BOVINOS E QUALIDADE DA CARNE

PINHEIRO, Mario Henrique Santos¹; BRUNHEROTTO, Rogério²

¹ Graduando(a) de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

O manejo pré-abate de bovinos inicia-se na propriedade desde o embarque no caminhão e termina somente no frigorífico com a sangria do animal. Nesse período os animais apresentam maiores níveis de estresse, devido modificações de manejo e alterações da sua rotina diária, podendo acarretar medo, fome, sede, fadiga e injúrias. Manejos inadequados fazem animais ficarem estressados, trazendo conseqüências negativas para a qualidade da carne, como rendimento e composição, aparência, palatabilidade, integridade do produto e qualidade ética, estando relacionada a questão de bem-estar animal. É muito importante considerar as boas práticas agropecuárias, de abate humanitário e condições das instalações presentes nos currais, caminhões de transporte e frigoríficos. As pessoas envolvidas devem ser capacitadas para manejar seus animais de forma correta durante o manejo pré-abate, para não afetar o bem-estar dos animais e não causar perdas econômicas decorrente de um manejo inadequado. Para isso as normas e recomendações de abate humanitário devem ser adotadas e seguidas por todos os envolvidos no manejo pré-abate de bovinos.

Palavras-chave: Bem-estar animal, Bovinos, Manejo pré-abate, Abate humanitário, Qualidade de carne.

55. MASTITE BOVINA: CONDIÇÕES BÁSICAS DE ORDENHA NA REGIÃO BRAGANTINA

ROMANO, Luiz Guilherme Vieira¹; BORDIN; Roberto de Andrade Bordin²¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

A mastite bovina tem sido apontada como a principal síndrome que afeta os rebanhos leiteiros no mundo inteiro, causando sérios prejuízos econômicos tanto aos pequenos como também aos grandes produtores de leite e as indústrias de laticínios. A mastite caracteriza-se por um processo de inflamação da glândula mamária promovida por diferentes fatores, sendo as principais causadas por bactérias, cerca de 90%. A mastite pode ser classificada quanto à forma de manifestação em: mastite clínica, quando há sinais clínicos evidentes, como edema, endurecimento e dor na glândula mamária e/ou aparecimento de grumos ou pus no leite, e ainda sintomas sistêmicos como depressão, desidratação, diminuição da ingestão de alimento e queda na produção de leite; e a mastite subclínica, quando há ausência de alterações visíveis, contudo, ocorre queda na produção e mudança na composição do leite (aumento de CCS, aumento de proteína sérica, e diminuição de caseína, lactose e gordura). A mastite subclínica é a forma da doença que ocorre com maior frequência nos rebanhos e poucos produtores sabem quando animal apresenta, e também é a precursora da mastite clínica. A mastite subclínica na qual é responsável por 90 a 95% dos casos de mastite no rebanho, apresenta uma prevalência 15 a 40 vezes maior que a forma clínica da doença. Embora a mastite subclínica seja responsável pelo maior prejuízo do produtor, a prevalência da doença é subestimada uma vez que para efeito de análise apenas os casos de mastite clínica são considerados. Outro fator que está diretamente relacionado aos casos de mastite seja ela clínica ou subclínica é o preparo inadequado do ordenhador frente aos princípios básicos de higiene e o não manejo sanitário correto do úbere como um todo e utensílios que fazem parte da ordenha.

Palavras-chave: Leite; Mastite; Ordenha; Qualidade do leite

56. MELHORAMENTO GENÉTICO APLICADO A CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS DE FRANGO DE CORTE.

ZILLO, Mateus Sibinel¹; BRUNHEROTTO, Rogério²; HADA, Fabricio Hirota³¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB; ³ Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o Brasil encontra-se como o segundo maior produtor mundial de carne de frango e o maior exportador, com a produção anual de 12.900 mil toneladas, das quais 4.384 mil toneladas são destinadas à exportação, como frangos inteiros, cortes e industrializados gerando receita de 6.848 milhões de dólares. O *melhoramento genético* é uma ciência utilizada em plantas e animais que tem como finalidade aumentar a frequência de alelos desejáveis em uma população animal ou vegetal. Melhoramento genético e ambiente são forças de ação simultânea sobre a produção animal, portanto, patamares elevados de produção são conquistados em função da melhoria do material genético do animal e das condições ambientais. O processo de melhoramento genético na avicultura apresentou altos índices de evolução ao longo das décadas, sendo fruto do intenso processo de seleção após o início dos cruzamentos entre raças puras. A execução dos programas de melhoramento originou linhagens específicas com características distintas das raças puras. As aves destinadas ao corte foram selecionadas ao longo do tempo visando desempenho de carcaça, ganho de peso, peso vivo, peso de peito, conversão alimentar que proporcionaram um padrão de corte. Contudo, algumas alterações anatofisiológicas são decorrentes

da seleção intensiva, pois algumas características de interesse zootécnico estão correlacionadas a discondroplasia tibial, ascite ou falha ventricular direita e a síndrome da morte súbita, que são características de déficit em relação ao desempenho. O mercado consumidor necessita que o mercado avícola atenda sua demanda, tal realização está relacionada ao emprego da tecnologia ao setor aliado aos programas de melhoramento. Portanto, o melhoramento genético tem como objetivo aumentar o desempenho dos frangos, cujo resultado visa atender a crescente demanda de alimentos que, entre outros fatores, está diretamente relacionada ao constante aumento populacional mundial. Os programas de melhoramento animal devem objetivar pela busca e seleção de genótipos mais produtivos e condizentes com as condições e necessidade local.

Palavras-chave: Características Produtivas; Frango; Melhoramento Genético

57. MÉTODO ISHIKAWA E CICLO PDCA EM UMA INDÚSTRIA DE BRAGANÇA PAULISTA

SILVA, Renan Galeano¹; PAES, Leonardo Godoi²

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

Kaoru Ishikawa japonês que expandiu o conceito de gerenciamento de William Edwards e Deming Juan. Foi criado em 1962 com o desenvolvimento da gestão de qualidade, em 1982 oficializando como diagrama de Ishikawa. O procedimento Ishikawa é um instrumento usado com objetivo de levantamento de problemas que podem estar causando prejuízo há empresa. Essa ferramenta é conhecida também como diagrama de espinha de peixe pelo seu formato, e por diagrama de causas e efeitos, por ser composta por seus defeitos e possíveis causas. Esse método é utilizado nas grandes empresas de qualidade como intuito de realizar pesquisa, dentro da empresa para ter recursos e soluções. Junto a esse método de Ishikawa utiliza-se o ciclo PDCA, criado na década de 20, por um físico norte americano Walter Andrew Shewart um pioneiro no controle estatístico de qualidade, e na década de 50 tornou-se conhecido por William Edward Deming, um dos gurus da gestão de qualidade. Esse método é muito utilizado para que a empresa possa obter melhorias e com consequências melhores resultados econômicos.

Palavras-chave: Ciclo PDCA, Ferramentas da qualidade; Qualidade total

58. PRINCIPAIS AFECÇÕES PODOAIS EM BOVINOS

PINTO; Pedro Henrique¹; BORGHESAN, Alexandre Corrêa²; DEL VECHIO, Alcides Daniel³

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB; ³ Prof. Esp. Medicina Veterinária FESB

As enfermidades podais são um sério problema para a bovino cultura, pois está relacionada ao desempenho do animal, afetando diretamente na produção gradativa, podendo acometer a produção leiteira, produção de carne, desencadear redução do desempenho reprodutivo e predisposição a outras doenças, resultam em perdas econômicas significativas para os produtores. Dentre os principais problemas temos ulcera de sola, dermatite interdigital, hiperplasia de pele interdigital. Diversos são os fatores que podem estar envolvidos as enfermidades, entre eles estão, genética o

meio ambiente (as condições dos pisos abrasivos, pastagens), o manejo (grande concentração de animais, excessiva umidade, acúmulo de dejetos), agentes bacterianos, clima e a nutrição. Uma forma preventiva para esta enfermidade seria o casqueamento, reestabelecendo a forma normal dos dígitos, pedilúvio duas vezes por semana, estabelecer higiene mantendo os animais em local seco e limpo. Em casos que a doença já se instalou, necessitando de tratamento, optar por antibiótico e anti-inflamatório específico, procedimento cirúrgico, retirada úngula e tecido necrótico, pós-operatório intensivo, promovendo troca de curativo corretamente. Por fim adequação da propriedade para então reduzir significativamente tais afecções.

Palavras-chave: Bovino; Enfermidade; Casco

59. RELAÇÃO DA IDADE DA CODORNA JAPONESA COM A QUALIDADE DO OVO E CONDUTÂNCIA DA CASCA

LIMA, Aline Dutra¹; LIMA, Caio Eduardo¹; AMARO, Maria Paula Fagundes¹; BORDIN, Roberto de Andrade²; HADA, Fabricio Hirota²

¹Graduando(a) de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Dr. Medicina Veterinária FESB

A coturnicultura no Brasil tem um acelerado crescimento, devido ao aumento da produção de empresas, conseqüentemente um aumento no consumo de ovos. A qualidade dos ovos é de suma importância para o desempenho econômico da criação de codornas. Em galinhas de postura observa-se que a idade da poedeira exerce influência direta sobre a qualidade e tamanho do ovo, visto que, com o avanço da idade das aves ocorre redução na taxa de postura e alteração nos constituintes do ovo como gema, albúmen e casca. A importância da casca se demonstra por diversas funções, como por exemplo: promover trocas gasosas entre o interior do ovo e o ambiente, evita perda de umidade em excesso. Portanto, qualquer defeito ou alteração na casca pode comprometer a conservação e conseqüentemente a utilização do ovo. A condutância da casca também apresenta importância, pois representa a capacidade da casca em realizar trocas de gases (vapor de água, oxigênio e gás carbônico), com o ambiente, sendo esse processo influenciado pelo comprimento, área e número dos poros. Entretanto, observa-se na literatura poucos trabalhos que relacionam especificamente a idade da codorna de postura comercial com os parâmetros de condutância da casca, qualidade externa e interna dos ovos. No sentido de elucidar essa interação, o presente trabalho será desenvolvido com o objetivo de avaliar a condutância e a qualidade de ovos de codornas de diferentes idades. Foram realizados dois experimentos no laboratório multidisciplinar do Campus da FESB. No total foram utilizados 160 ovos coletados de uma granja comercial de postura localizada em Mogi das Cruzes (SP). Os ovos foram distribuídos entre 120 ovos foram utilizados para a análise de qualidade e 40 ovos para condutância da casca, sendo considerado nos experimentos quatro idades da codorna (2, 3, 5 e 8 meses). Na avaliação da qualidade do ovo foram analisados o peso do ovo, comprimento e largura dos ovos, porcentagem de casca, espessura da casca, unidade Haugh, porcentagem de gema, porcentagem de albúmen, relação gema / albúmen e gravidade específica. No segundo experimento avaliou-se a condutância, espessura e porosidade da casca. Todos os dados foram analisados pelo programa SAS 9.0, e em caso de diferença significativa as médias foram comparadas pelo teste de Tukey 5%. Os dados foram submetidos ao teste de normalidade dos erros e homocedasticidade das variâncias. Pelos resultados obtidos observasse que ovos mais pesados são produzidos por matrizes mais velhas (8 meses). Codornas mais velhas produzem ovos com comprimento significativamente maior em comparação com as demais idades. Já ovos originados de codornas novas apresentam

maior largura em comparação com as idades de 3, 5 e 8 meses. Aves com 2 e 3 meses produziram ovos com maiores valores de unidade Haugh, em relação aos ovos de codornas mais velhas (8 meses). Os valores de gravidade específica e porcentagem de casca apresentaram comportamento semelhante, sendo maiores aos 3 meses e diferindo significativamente dos valores obtidos aos 2 meses, entretanto, não diferiram das idades de 5 e 8 meses. Resultados que indicam a mesma relação entre casca/peso específico do ovo descritos na literatura para ovos de galinha. Para os parâmetros porcentagem de gema, albúmen, relação gema/albúmen, espessura de casca, condutância e porosidade não houve diferença significativa entre as idades estudadas. Conclui-se que a idade da matriz exerce influência na qualidade dos ovos, alterando os parâmetros peso, comprimento e largura dos ovos, unidade Haugh, gravidade específica e porcentagem de casca. Entretanto não altera os parâmetros relacionados a condução de gases pela casca.

Palavras-chave: *Coturnix coturnix japônica*, ovo, idade.

60. RESPONSABILIDADE TÉCNICA DO MÉDICO VETERINÁRIO EM AÇOUGUES

OLIVEIRA, Caroline Aparecida Lustosa¹; SANTOS, Sidney Frankin de Araújo²; MATTOS, João Franciscos de Azevedo²

¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

O presente trabalho de conclusão de curso expõe a importância e a responsabilidade técnica do médico veterinário em açougues, objetivando prezar pela saúde dos consumidores além de garantir a qualidade dos produtos oferecidos nos estabelecimentos de venda de carne, seja ela bovina, suína, de aves ou de qualquer origem animal. É datado de muito tempo que a fiscalização sobre produtos alimentícios é praticada pela sociedade, durante todas as etapas de processamento até a comercialização, para que a população disponha de produtos que não gerem risco à saúde. A legislação garante à fiscalização sanitária todo embasamento jurídico além de regulamentos técnicos a serem seguidos pelos comerciantes, sendo o papel do veterinário

Palavras-chave: Médico veterinário; Fiscalização; Responsabilidade; Açougues; saúde.

61. RESPONSABILIDADE TÉCNICA DO MÉDICO VETERINÁRIO EM EVENTOS DE CONCENTRAÇÃO ANIMAL

MORAES, Édli Cristiane¹; RODRIGUES, Rodrigo Mendes²; COSTA, Luís Eduardo da Silva²

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

É importante a atuação do médico veterinário em eventos de concentração animal, uma vez que é atribuído a ele garantir a saúde aos animais participantes dos eventos, o bem-estar, a segurança sanitária, devendo trabalhar em consonância com os órgãos de fiscalização e controle de endemias, executando ações de vigilância sanitária e epidemiológica. As doenças que acometem esses animais nem sempre são zoonoses e precisam ser notificadas para que evitemos a disseminação e possamos manter sempre a qualidade de nosso rebanho e da saúde da população humana. Para que exista o controle da movimentação de animais destinados aos eventos agropecuários e/ou esportes é importante o credenciamento de médicos veterinários (responsáveis técnicos), cadastramento de

organizadores e dos recintos, vistoria previa do recinto, autorização para a realização dos eventos, elaboração de normas para a realização dos eventos, tudo devidamente registrado na Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA), órgão da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. A metodologia a ser utilizada neste trabalho de conclusão de curso será uma pesquisa bibliográfica, confrontada com o manual de responsabilidade técnica e legislação do conselho regional de medicina veterinária.

Palavras-chave: Zoonose; Movimentação animal; Guia de transito animal; Exames laboratoriais; Bem-estar animal.

62. RUMINOTOMIA DE EMERGÊNCIA COMO TRATAMENTO DE TIMPANISMO ESPUMOSO EM BOVINO SECUNDÁRIO A HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA: RELATO DE CASO

ARANTES, Gabriel Vinicius Rios¹; MARTINS, Alex Eduardo Alves²; WOLF, Verena Hildegard Gyárfás³

¹ Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Médico Veterinário Especialista HVET-FESB; ³Profa. Dra. Medicina Veterinária FESB

O timpanismo é a principal causa da morte súbita em bovinos, sendo caracterizado pela dilatação anormal do rúmen, devido ao acúmulo de gases de fermentação na forma de espuma ou gás livre. Normalmente a microbiota do rúmen produz grandes quantidades de gás durante a digestão dos alimentos, porém em condições normais é eliminado pela eructação, já no timpanismo ocorre a retenção desse conteúdo gasoso ou espumoso. O principal fator de risco dessa enfermidade é o consumo de pastagens compostas por maior quantidade de leguminosas, que são pobres em fibra e têm alto teor de carboidratos solúveis e proteínas de difícil degradabilidade ruminal, também se identifica como fator predisponente alimentações onde há muita oferta de grãos finamente triturados, mas em casos raros, algumas má formações podem ser causa base para o desencadeamento da enfermidade, como em caso de hérnia diafragmática, no caso de tétano bovino, o timpanismo também ocorre secundariamente. Existem dois tipos de timpanismo, o primário e o secundário. O primário ou espumoso, ocorre quando há alterações na saliva produzida, qualidade e quantidade, influenciando na formação de pequenas bolhas, e assim, não havendo fusão das pequenas bolhas de gás, a pressão ruminal aumenta devido não ocorrer a eructação. No entanto, o timpanismo secundário acontece quando ocorre dificuldade física na eructação. Esse distúrbio é resultante de obstrução física do esôfago ou faríngea. Essa obstrução é verificada quando ocorre excesso de gás livre na parte superior do rúmen. Os principais sinais clínicos observados são: aumento do volume de conteúdo ruminal, distensão do flanco esquerdo, dor abdominal, inapetência, o animal pode escoicear o abdômen, sialorreia, vômito em jato, rolar, poliúria e diarreia. A dispnéia é intensa e resulta em respiração pela boca, protrusão da língua, opistótono, olhos dilatados, taquipnéia e decúbito. Pode ser utilizado o trocar e cânula, para realizar a ruminocentese, que consiste em perfurar o rúmen promovendo eliminação do gás, dando um alívio para o animal, porém, nos casos graves, é necessária a ruminotomia de emergência. Este presente relato consiste em elucidar um caso de timpanismo ocorrido na cidade de Vargem, onde foi necessária a ruminotomia de emergência para que a vida do animal fosse preservada.

Palavras-chave: Ruminotomia; Ruminocentese; Bovino; Hérnia diafragmática

ANIMAIS SELVAGENS**63. ANIMAIS SINANTRÓPICOS EM ZOOLOGICO**

VAITEKAITES, Nicolle Stephanie¹; COSTA, Luis Eduardo da Silva²; MATTOS, João Francisco de Azevedo²

¹Graduanda de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

São considerados animais sinantrópicos, aqueles que utilizam recursos de áreas antrópicas, ou seja, convivem com o homem mesmo contra sua vontade, estes animais podem residir no local ou apenas aparecer em determinadas épocas para algumas finalidades, como descanso, alimentação, reprodução, entre outros. Os animais sinantrópicos mais conhecidos são as chamadas “pragas” como moscas, baratas, ratos, pombos, urubus e gambás, estes animais são conhecidos por causar transtornos de ordem econômica, ambientais e/ou de saúde pública, chamados de animais sinantrópicos nocivos. É importante ressaltar que existem diversos fatores que determinam os animais sinantrópicos de cada região, como animais nativos, rotas de aves migratórias, fase de reprodução, procura por alimentos, cadeia alimentar, entre outros. Devemos lembrar de animais errantes, como cães e gatos que vivem dentro do zoológico também. Tanto animais sinantrópicos quanto os animais confinados no zoológico são reservatórios de alguns patógenos, e sua transmissão para outros animais pode acarretar na disseminação de algumas enfermidades, animais sinantrópicos podem levar patógenos aos animais confinados que em vida livre, jamais teriam contato com tais doenças, podendo causar sérias complicações para os animais confinados no zoológico, muitas vezes levando ao óbito desses animais, e até extinção. O presente trabalho tem como objetivo pesquisar os principais animais sinantrópicos encontrados em zoológicos, e quais os métodos de controle e profilaxia usados para evitá-los.

Palavras-chave: Sinantropia; Controle de pragas; Zoológico; Zoonose

64. DOENÇA DA DESCOMPRESSÃO EM TARTARUGAS MARINHAS.

GOMES, Lucas Guarniari¹; MATTOS João Francisco de Azevedo²

¹Graduando de Medicina Veterinária FESB; ²Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A doença de descompressão é uma doença conhecida entre os mergulhadores, porém sua incidência em tartarugas marinhas vem crescendo cada vez mais, tornando-se uma enfermidade importante na clínica destas espécies. Trata-se de um distúrbio no qual o nitrogênio dissolvido no sangue e nos tecidos, devido a uma pressão elevada, forma bolhas na corrente sanguínea quando a pressão diminui. À medida que a pressão externa diminui durante a subida após uma imersão, o nitrogênio acumulado (que não pode ser expirado de imediato) forma bolhas no sangue e nos tecidos. Essas bolhas podem se expandir e lesionar os tecidos ou obstruir os vasos sanguíneos de muitos órgãos, quer seja diretamente, quer seja dando origem a pequenos coágulos de sangue, ocasionando dor, sinais neurológicos entre outros sintomas apresentados pelo animal. O diagnóstico é principalmente clínico e dependendo da gravidade dos casos o tratamento é realizado pela terapia de descompressão.

Palavras-chave: Doença de Descompressão; Embolia gasosa; Gás nitrogênio comprimido; Tartaruga marinha

65. MANEJO DE CAPIVARAS (*Hydrochoerus hydrochaeris*) EM BRAGANÇA PAULISTA, SÃO PAULOFERREIRA, André Ricardo¹; BRUNHEROTTO, Rogério²; MATTOS, João Francisco Azevedo²¹ Graduando de Medicina Veterinária FESB; ² Prof. Me. Medicina Veterinária FESB

A capivara é um nome de origem tupi-guarani, que significa comedor de capim. Grandes grupos de capivaras ocorrem em todos os países da América Tropical, exceto no Chile. Atualmente pertencem a Ordem *Rodentia*, representantes da família *Hydrochaeridae*, Gênero *Hydrochaeris*, Espécie *Hydrochaeris hydrochaeris* - Linnaeus, grande roedor de hábitos subaquáticos típico da fauna tropical, herbívoro generalista que se alimenta de gramíneas e de vegetação aquática, contudo se adapta facilmente a diversos produtos agrícolas. O habitat natural da capivara contém os recursos necessários para sua sobrevivência vivendo próximos a cursos d'água, campo ou pasto e uma área com vegetação arbustiva. A água é utilizada para as atividades de reprodução, termorregulação e fuga dos predadores. O campo ou pasto é usado para forrageio e a vegetação arbustiva para abrigo e parição dos filhotes. Características relacionadas à biologia da espécie, como alta taxa reprodutiva e grande capacidade de dispersão e colonização, possibilitam, à capivara, ocupar rapidamente fragmentos de habitat próximos deslocando-se preferencialmente pela água, mesmo em áreas com altos índices de urbanização. Possivelmente as perturbações na dinâmica populacional da espécie estão relacionadas às fortes pressões antrópicas que resultaram em mudanças drásticas nas paisagens originais e no desaparecimento dos predadores naturais, fazendo com que a capivara seja caracterizada como espécie-problema em várias regiões do Brasil. A característica generalista e a baixa exigência quanto às condições do habitat confere ao animal grande capacidade de adaptação a ambientes alterados pelo homem. O desmatamento das matas ciliares para a implantação de áreas abertas propicia à ocorrência e o aumento da população de capivaras, a presença de áreas abertas nas margens de rios, açudes e represas é uma condição ideal para a ocorrência da capivara; esta condição é frequentemente encontrada nas áreas urbanas, particularmente nos parques públicos, clubes e condomínios horizontais. O controle da capivara (*Hydrochaerishydrochaeris*) tem requerido o empenho por tratar-se de espécie potencialmente causadora de dano em áreas urbanas e agrícola e hospedeira primária dos carrapatos *Amblyommacajennense* e *Amblyommadubitatum*, transmissores da Febre Maculosa Brasileira (FMB). O desequilíbrio populacional de capivaras em determinadas áreas é a principal causa de infestação excessiva de carrapatos, causando um grande impacto ecológico, com grande risco à saúde pública. Capivaras que nunca foram infectadas por *Rickettsiarickettsii*, quando parasitadas por carrapatos contaminados desenvolvem a doença assintomaticamente e são responsabilizadas pela sua amplificação, uma vez que durante o período de bacteremia, transmitem a bactéria a novos carrapatos. O controle da fauna silvestre é uma forma eficaz de minimizar problemas decorrentes da presença de animais sinantrópicos.

Palavras-chave: Controle de capivaras; Carrapato-estrela; Desequilíbrio populacional; *Hydrochaerishydrochaeris*; Febre maculosa brasileira



**FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE BRAGANÇA
PAULISTA**

Inscrito no CNPJ: 45.621.703/0001-75 IE: Isento

